



PUC
RIO

NÁDIA DEGRAZIA RIBEIRO

CORRESPONDÊNCIA AMOROSA NA PRISÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1997

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150:R484co TESE-UC
Título Correspondência amorosa na prisão



Ex.1 PUCB

0135036

NÁDIA DEGRAZIA RIBEIRO

CORRESPONDÊNCIA AMOROSA NA PRISÃO

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia Clínica da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Monique Augras

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1997

UC 71816-1



135036

150
R 484 00
TESE UC

Às autoras das cartas

Meus agradecimentos

- a Monique Augras, orientadora da dissertação, pela confiança depositada e constante dedicação.
- a Maria Euchares pelo apoio inicial.
- a Marise e Vera pelo carinho desde o primeiro dia.
- a Alexandre Pinhel Soares pelas arrumações intermináveis no texto.
- a Ana Elisabeth pelo trabalho com as cartas.
- a Alexandre Guedes de Siqueira pelas descobertas de material e revisão do texto.
- ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio.
- ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela ajuda financeira recebida durante o curso.

Resumo

O estudo da correspondência amorosa entre presos e mulheres livres, iniciada a partir de anúncios sentimentais publicados em revistas femininas ou programas de rádio, permite o vislumbre de inusitados aspectos do cotidiano prisional, habitualmente descrito nos seus aspectos isolados e repressivos. A pesquisa de campo realizada em uma unidade prisional masculina do Rio de Janeiro, incluindo entrevistas individuais e grupais com homens presos, possibilitou o acesso às cartas de suas correspondentes e posterior análise de conteúdo desse material. Esta análise revelou facetas da relação homem/mulher, das características masculinas e femininas valorizadas em um contexto amoroso, da utilização do discurso religioso, do forte apelo às fantasias na manutenção do relacionamento e do lugar secundário que o crime e o estigma de criminoso ocupam nesta situação.

Abstract

The study of the love letters exchanged between imprisoned men and free women, which usually starts out from the contact they have with "sentimental advertisement" that appear in women's magazines and on radio programs, allowed us to have an introductory view of unsuspected aspects of the inmates' routine, more commonly known from its isolation and repression aspects. The field research carried out in a convicted-male penitentiary in Rio de Janeiro, including individual and group interviews with imprisoned men, made it possible to gain access to the letters from their female correspondents and, subsequently, to analyse this material. This analysis revealed the various facets of the man-woman relationship, the male and the female attributes desired in loving context, the use of religious discourse, the strong fantasy appeal in the maintenance of the relationship, and the actual secondary role that crime and crime stigma play in this situation.

Sumário

1 -	INTRODUÇÃO.....	1
2 -	PRISÕES.....	4
	2.1 - A permeabilidade da prisão.....	4
	2.2 - Crime e desvio.....	6
	2.3 - A reação diante do estigma.....	8
3 -	CORREIO SENTIMENTAL.....	11
	3.1 - Noções gerais.....	11
	3.2 - O preso e o anúncio.....	13
	3.3 - A Imprensa Feminina.....	15
4 -	A CARTA.....	20
	4.1 - A carta como material de estudo.....	20
	4.2 - A carta no contexto prisional.....	22
5 -	METODOLOGIA.....	27
	5.1 - Notas sobre o trabalho de campo.....	27
	5.2 - Procedimentos metodológicos.....	34
	5.3 - Análise de conteúdo.....	36
6 -	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	45
	6.1 - Grupo 1.....	46
	6.2 - Grupo 2.....	54
	6.3 - Grupo 3.....	58
	6.4 - Grupo 4.....	65
7 -	CONCLUSÕES.....	71
8 -	ANEXOS.....	75
	8.1 - Lista de palavras e expressões associadas às categorias.....	75
	8.2 - Roteiro de um exemplar da revista Correio Astral.....	93
	8.3 - Exemplos de conteúdos extra nas correspondências.....	94
9 -	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98

1 - Introdução

O estudo das prisões pode se dar através de diversos enfoques. É possível descrevê-las como um exemplo de instituição total, como em Goffman (1974), estudar o sistema penal de um estado brasileiro em um período de tempo determinado, como em Coelho (1987), conhecer o mundo do crime e a prisão sob a ótica do criminoso, como fez Ramalho (1983) ou analisar uma prisão de mulheres, conforme Lemgruber (1983). Outro caminho é o de Foucault (1987), traçando um histórico da prisão enquanto instituição de vigilância e punição, além de permitir o desenvolvimento de um saber sobre o indivíduo criminoso.

Com exceção de Foucault, todos os autores citados participaram em maior ou menor grau da rotina das instituições estudadas¹. Goffman acredita que a vida própria de qualquer grupo de pessoas, inclusive prisioneiros, torna-se significativa e razoável desde que nos aproximemos dela e que, para conhecê-la, deve-se conviver com os participantes de acordo com as pequenas conjunturas a que estão sujeitos.

As prisões são clássicos exemplos de instituição total, e o isolamento em relação ao mundo externo imposto àqueles que nelas vivem é uma de suas mais importantes características. O foco principal de Goffman em seu estudo **Manicômios, prisões e conventos** é o mundo do internado, seja ele o preso ou o doente mental. O primeiro dos ensaios do livro citado, **As características das instituições totais** será abordado como suporte de algumas das discussões aqui apresentadas.

Não se pretende neste trabalho estudar as prisões e sim um aspecto de seu relacionamento com o mundo exterior: a prática de um tipo de correspondência amorosa que ali se estabelece.

Pode-se falar da rotina prisional enfocando as práticas ligadas ao encarceramento como revistas nas celas e nos corpos dos visitantes; ou focar o olhar sobre cenas pouco descritas deste mesmo cotidiano tais como as festas no presídio, os pátios nos dias de visita, a chegada da correspondência nas celas, o som das cantorias vindas das celas. São cenas tão cotidianas quanto as outras, porém pouco abordadas nos trabalhos, talvez por não se

¹ Foucault, no início dos anos 70, envolveu-se intensamente com a questão das prisões e prisioneiros quando iniciou o GIP. Groupe d'Information sur les Prisons. A biografia de Foucault, escrita por Didier Eribon, traz detalhes sobre o referido grupo.

articularem com a visão que a sociedade possui do universo do crime. Nossa visão costuma ser compartimentada: prisão é lugar de criminosos, motins, violência, e existem as situações que estão “entre”, não pertencem especificamente a este ou àquele universo mas simultaneamente ao universo do crime e ao dos homens livres e não criminosos. É o terreno onde as diferenças são extremas mas ao mesmo tempo se diluem.

O enfoque proposto privilegia as possíveis relações com a prisão, mundo que não se configura como uma entidade à parte do restante da sociedade mas abriga indivíduos que portam estigma. A princípio, a existência de mulheres que se correspondam amorosamente com homens presos, quando sua condição de criminoso já é um dado inquestionável², leva a perguntas sobre quem são estas mulheres, o que elas esperam destes relacionamentos, por que escolheram estes homens dentre outros e até onde o crime e a condição de criminoso têm alguma influência na escolha e manutenção desta relação.

As entrevistas com os presos realizadas durante a pesquisa de campo revelaram que algumas mulheres, a princípio, desconheciam a condição de presidiário de seus correspondentes. Esta situação pode permanecer durante todo o tempo que durar o relacionamento, facilitada quando os correspondentes são de locais distantes geograficamente mas estes casos são minoria entre os entrevistados uma vez que eles têm na carta um instrumento visando a visita posterior ou a facilitação do recebimento de bens materiais.

Segundo o depoimento dos presos, sua condição não é ocultada por mais de três cartas pois a partir daí, julgam que já se configurou um envolvimento que permite a revelação de alguns dados sem que a continuidade da relação esteja ameaçada³.

A ponte entre as mulheres e os presos são anúncios veiculados na imprensa feminina e programas de rádios. Nesses meios de comunicação, há setores específicos onde o tema do amor e o clima de romance são constantemente enaltecidos e as mulheres sua principal clientela. Os homens presos têm conhecimento desta preferência e procuram nessas revistas não apenas endereços e nomes femininos mas também entrar em sintonia com o clima reinante e assim conquistar uma mulher com mais facilidade.

A forma como homens e mulheres descrevem a si próprios nos anúncios e no início da

² Tais mulheres não os conheciam previamente e este dado é importante porque configura uma escolha. No caso do casal que já se conhece antes da ida do homem para a prisão, a mulher supostamente teria mais dificuldade de escolher se quer permanecer ligada àquele homem ou afastar-se, dado que já existe uma convivência anterior muitas vezes com filhos.

³ Seria importante se pudéssemos saber quantas mulheres interromperam a correspondência após ter conhecimento da situação do correspondente, mas esse dado, caso fosse acessível, deveria ser encarado com reservas porque interessava aos presos mostrar o oposto, isto é, que havia mulheres livres, não ligadas ao mundo do crime que se interessavam por eles.

correspondência assemelha-se ao período exploratório de um namoro comum, no qual o casal verifica atributos físicos, símbolos de status e faz uma mútua sondagem de intenções.

A pesquisa de campo propiciou uma aproximação com os presos e esclareceu a importância da carta no contexto prisional e a leitura e análise das cartas femininas permitiu o conhecimento de facetas do universo feminino.

A prática que pretendemos abordar é empreendida pelos presos e pelos que com eles se relacionam no sentido da liberdade, isto é, promovem, mesmo que não intencionalmente um rompimento com a estigmatização permitindo que o preso perceba a si próprio e seja visto como um homem como os outros, como um homem que não carrega estigma.

Os trabalhos de Santos (1994), Costa (1992) e Neves (1988) têm as cartas como material de estudo. Alguns tópicos destes trabalhos serão tratados mais adiante pela importância que tiveram na articulação de algumas questões desta dissertação e também por serem trabalhos atuais de autores brasileiros.

Através do texto das cartas aspectos fundamentais podem ser revelados sobre aqueles que as escrevem. No caso desta pesquisa a análise do texto das cartas permite discussões sobre:

- a importância da carta no contexto em questão;
- as relações homem-mulher;
- a dinâmica imaginária do amor;
- as expectativas femininas em uma relação amorosa;
- os papéis e atributos femininos valorizados e desvalorizados;
- o papel da religião na vida dessas mulheres;
- as aproximações das Igrejas com as prisões e prisioneiros.

2 - Prisões

2.1 - A permeabilidade da prisão

Goffman define instituição total como “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (1974, p.11).

Em **Vigiar e Punir**, na parte dedicada à prisão, Foucault descreve o isolamento como um dos princípios básicos da prisão. O isolamento do condenado em relação ao mundo exterior, incluindo o que motivou a infração e as cumplicidades que a facilitaram, propiciaria a reflexão e levaria ao remorso.

A despeito destes autores enfatizarem o aspecto do fechamento da prisão, suas grossas barreiras em relação ao mundo externo incompatibilizando a vida na instituição com a vida familiar e social externa, observa-se intensa permeabilidade entre o mundo de dentro e o de fora com um nível de trocas surpreendente.

No cotidiano prisional constata-se exemplos desta permeabilidade que a teoria não permitiria entrever e a correspondência amorosa que entra e sai das prisões diariamente é apenas um exemplo entre muitos. As visitas dos familiares, elo permanente entre o espaço de dentro e o de fora, são também excelentes exemplos desta troca em um contexto diferente do citado anteriormente. As famílias já se constituíam enquanto grupo mantendo algum tipo de relacionamento antes da ida do homem (irmão, esposo, filho) para a prisão mantendo-se agora nesta nova situação e novo espaço físico uma continuidade das relações estabelecidas anteriormente nos mesmos ou em novos moldes.

O trabalho **A Interseção da Ordem Penitenciária e a Ordem Familiar**, de Theresa Maria Galvão da Silva, com pesquisa de campo na penitenciária Milton Dias Moreira, traz exemplos de famílias que estruturaram-se de forma tradicional após a prisão do chefe de família. Antes este homem vivia na rua em noitadas, bebendo, jogando e agora o grupo familiar tem uma vida parcialmente semelhante às famílias comuns, especialmente aos domingos.

Outro exemplo de troca entre a comunidade externa e os habitantes da prisão são os contatos respaldados na crença e/ou prática de alguma religião. Anteriormente missões católicas e espíritas eram as mais frequentes, porém foram suplantadas pelas Igrejas neopentecostais de diferentes ramos. Sua interlocução com o mundo prisional faz parte das pregações habituais em seus templos, mesmo que em uma ou outra Igreja não exista ainda um grupo formado para a missão no interior das cadeias.

O isolamento da instituição prisional e dos presidiários não é absoluto. Os muros das prisões são fronteiras reais e simbólicas⁴. É justamente o caráter simbólico que torna compreensível o nível de trocas com o mundo externo.

⁴ Fronteiras simbólicas são demarcadas por “experiências suficientemente significativas” (Velho, 1987 p.16) no sentido de desenvolvimento da identidade comum compartilhada, no caso, pelos desviantes.

2.2 - Crime e desvio

Há diferenciação entre tipos de crimes e tipos de criminosos, entre os que provocam maior ou menor nível de repúdio a despeito das leis que tornam o crime um fato absoluto.

A partir da teoria do desvio, desenvolvida pelo sociólogo Howard Becker, pode-se concluir que todos os criminosos podem ser considerados desviantes mas a recíproca não é verdadeira. Este dado é fundamental quando nos utilizamos de seus estudos, no entanto algumas de suas constatações podem ser aplicadas aos criminosos ajudando na compreensão das relações das pessoas comuns, não criminosas, com os que cometeram crimes e estão presos.

O estudo do desvio por um longo tempo prendeu-se a buscar respostas sobre as causas dos atos dos desviantes e antecipar quem se tornaria delinquente.

Na corrente interacionista da qual Becker é um dos representantes, a perspectiva do desvio alterou-se fundamentalmente e o desvio passou a ser encarado como parte da dinâmica social mais ampla, os grupos desviantes interagindo com grupos não desviantes em uma relação complementar.

Nas palavras de Becker “o desvio não é uma simples qualidade presente em alguns tipos de conduta e ausente em outros e sim o resultado de um processo que implica as reações das outras pessoas em relação a esta conduta” (1971, p.23).

No Brasil, o antropólogo Gilberto Velho organizou e desenvolveu uma série de trabalhos reunidos no livro **Desvio e Divergência**, todos com uma perspectiva crítica diante da patologia social e trazendo uma abordagem inovadora do comportamento desviante. Em sua perspectiva, o desviante

é um indivíduo que não está fora de sua cultura mas que faz uma leitura divergente. Ele não será sempre desviante. Existem áreas de comportamento em que agirá como qualquer cidadão ‘normal’. Mas em outras áreas divergirá, com seu comportamento, dos valores dominantes (1977, p.27-28).

O crime não possui a relatividade que o conceito de desvio comporta. No entanto o

indivíduo criminoso, em áreas específicas de sua vida, pode respeitar regras e não apenas aquelas do mundo do crime. Apesar de serem conceitos diversos há momentos em que aproximamos um do outro e um exemplo são as reações diferenciadas diante do crime pelos que convivem diretamente com criminosos em seu cotidiano.

As pesquisas de Zaluar tratam da difícil convivência entre trabalhadores e bandidos em seu local de moradia. Segundo esta autora as imagens dos bandidos junto à população são contraditórias.

Na classificação dos moradores, existem diferentes tipos de bandidos e um mesmo aspecto da atividade ou modo de vida dos bandidos pode ter avaliações positivas e negativas. O bandido ora é apresentado como um vingador do seu povo, do seu pedaço, ora como quem arrasta outros jovens para o condomínio do diabo (1994, p.21).

2.3 - A reação diante do estigma

Goffman (1978) propõe o uso do termo *estigma* em referência a um atributo e depreciativo sempre compreendido em uma linguagem de relações e não de atributos pois o que “estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é em si mesmo, nem honroso nem desonroso” (p.13). No entanto, a partir do momento em que alguém é estigmatizado, deixa de ser considerado criatura comum e total sendo considerado alguém defeituoso.

O contato dos presos com pessoas livres pode se dar a partir do conhecimento ou desconhecimento da condição de presidiários por parte de um dos pólos da relação. Nas situações onde a doutrinação religiosa está envolvida, o preso não precisa esconder sua condição porque esta é a base motivadora do relacionamento : é por ser pecador e precisar de salvação que ele recebe a visita dos religiosos.

No caso das anúncios enviados para revistas femininas ou das cartas endereçadas às mulheres que anunciaram sua vontade de corresponder-se, o preso pode ocultar sua condição até o momento em que julgar necessário ou sentir vontade de falar a respeito. Este é um importante dilema com que o preso se depara : contar ou não sobre sua situação nas cartas. Goffman afirma que as pessoas estigmatizadas⁵ manipulam as informações que desacreditam seu eu. A carta permite que, durante algum tempo, os “símbolos de estigma” (1978, p.53), que desvalorizam aquele homem enquanto indivíduo, permaneçam ocultos. No texto de sua carta não está visível sua condição. As cartas seriam o palco perfeito que permitiria a encenação de diversas montagens. Os homens e mulheres, ora atores, ora platéia têm a possibilidade de criar textos ambientados em cenários totalmente afastados da realidade prisional⁶.

Poderíamos errônea ou preconceituosamente supor que só os homens representam, confundindo-se representação com falseamentos só utilizados por eles, dado sua condição de criminosos. Em parte esta idéia pode ser verdadeira porque eles precisam de quantidade de estratégias de “maquiagem” encobridoras proporcional à quantidade de estigma que pesa

⁵ Segundo Goffman existem 3 tipos básicos de estigma : as deformidades físicas; os de raça, nação e religião e as culpas de caráter individual, sendo este último o estigma dos presos.

⁶ Utilizaram-se as palavras palco, cenário, expectadores e outras seguindo as analogias da vida cotidiana com o teatro apresentadas por Goffman no livro *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Nesse estudo o autor apresenta as estratégias empregadas para o controle e manipulação das impressões que as pessoas provocam umas nas outras.

sobre eles mas só considerar este aspecto empobrece a análise uma vez que desconsidera as táticas femininas no jogo da conquista, reveladoras de importantes facetas das relações entre os sexos na sociedade.

A aparência física ou a cor da pele podem ser elementos adicionais ao estigma. Como a maior parte dos presos é composta de negros⁷ não é raro que um homem negro mande a foto de um homem branco e considerado mais bonito para manter a correspondente por mais um tempo.

Se os presos dispõem de estratégias para driblar suas condições estigmatizantes, até mesmo ocultando-as, a prisão não oferece facilidades para o ocultamento de cenários menos favoráveis. Mesmo que o indivíduo preso permaneça anos alegando inocência, é indubitável que a sociedade o considerou um criminoso.

No caso de pessoas estigmatizadas como presidiários vivendo em um tipo de instituição como a prisão, pode-se supor que há uma expectativa social negativa em relação ao que se esperar deles. Em contrapartida os homens presos ao se apresentarem diante dos outros têm inúmeros motivos para tentar controlar a impressão que provocam.

Nas cartas “preparam o terreno”⁸ até explicitar que estão presos. Esta estratégia parece surtir efeito com as mulheres porém seu próprios preconceitos machistas permanecem inalterados. Desvalorizam as mulheres que buscam companheiros desta forma e costumam supor que elas devem ser feias, frustradas, velhas ou possuir deficiências físicas. Quando desvalorizam as mulheres que os procuram não estão necessariamente se desvalorizando como homens; seu espanto quando se percebem tão solicitados refere-se ao fato de estarem presos e não de serem criminosos. Ter cometido um crime não os desabona como homens perante si mesmos nem perante as mulheres. Surpreendem-se das mulheres aceitarem relacionar-se com homens que estão privados da liberdade, pois o que consideram desabonador é a condição de preso e não a de criminoso.

Depois da “preparação do terreno”, o ocultamento pode acabar. Goffman (1978) define com clareza estes movimentos:

Há uma idéia popular de que embora contatos impessoais entre estranhos estejam particularmente sujeitos a respostas estereotípicas,

⁷ Segundo informações do Departamento do sistema penitenciário.

⁸ Fala comum entre os presos.

na medida em que as pessoas relacionam-se mais intimamente essa aproximação categórica cede, pouco a pouco, à simpatia, compreensão e à avaliação realística de qualidades pessoais. A área de manipulação do estigma, então, pode ser considerada como algo que pertence fundamentalmente à vida pública, ao contato entre estranhos ou simples conhecidos, colocando-se no extremo de um *continuum* cujo pólo oposto é a intimidade. (p.61,62)

Quando chega o momento da revelação em geral com o objetivo de apressar o momento da visita, eles escolhem formas de minimizar os elementos estigmatizantes, enfatizando outras características que neste contexto não são estigmatizadas como solidão, carência, até porque nestes aspectos o homem preso e a mulher que busca correspondência se igualariam. Outra estratégia extremamente comum é apelar para a auto imagem das mulheres enquanto pessoas não preconceituosas. Eles dizem que estão em busca de pessoas muito especiais que seriam fundamentalmente diferentes das outras por não serem preconceituosas.

Goffman (1974) cita a mortificação do eu⁹ como processo típico das instituições totais e observa-se em decorrência deste processo a constituição e fortalecimento de uma identidade ligada ao mundo do crime. Na descrição que os presos fazem de si nas cartas, a identidade da sociedade de cativos não é levada em conta e, pelo contrário, é escondida ou esquecida. Se há um elemento de proteção na constituição dessa nova identidade, nas cartas esta proteção não se faz necessária, pois o importante é mostrar-se um homem honesto e digno do amor.

Há uma tensão e luta permanentes entre as mortificações do eu e as resistências de cada indivíduo a este processo. As visitas, os relacionamentos com pessoas de fora quase sempre não ligadas ao mundo do crime são esferas da vida do preso que aproximam-no do homem comum. Em contrapartida as proibições de visitas e as censuras às cartas são utilizadas respectivamente como castigo ou rotina, fazendo o indivíduo não esquecer que está preso.

⁹ Goffman afirma que ao ingressar na instituição total, a pessoa sofre uma série de humilhações e profanações que alteram todas as crenças que a pessoa possuía a respeito de si própria.

3 - Correio Sentimental

3.1 - Noções gerais

A temática do amor é encontrada com estilos e formas diferentes nas novelas, na imprensa sentimental e nos correios sentimentais. Estes últimos pertencem à zona que Morin (1969) definiu como tutelar, pois a busca do amor formalizada nos anúncios é patrocinada e de certa forma apadrinhada pelas revistas, jornais, programas de rádio ou TV que os veiculam.

Os anúncios femininos que desencadeiam a correspondência amorosa publicados nas seções de correio sentimental ocupam preferencialmente as páginas de revistas destinadas a um público feminino de menor poder aquisitivo e nível cultural. Já as seções de consultório sentimental sempre foram encontradas tanto nas revistas mais baratas quanto nas mais caras.

Recentemente tem sido observada a presença de matérias sobre agências de casamento, namoros a distância e até mesmo correios sentimentais nas publicações femininas mais sofisticadas. A revista **Isto É**¹⁰ publicou uma matéria sobre classificados amorosos intitulada **Solidão a granel**. O texto começa mencionando a seção Classline do jornal **Folha de São Paulo** onde são publicados 1300 anúncios por mês, um mercado de 100 mil reais mensais. Como é de praxe neste tipo de matéria, psicanalistas e psicólogos são consultados para opinar sobre essa forma de busca amorosa. Tais profissionais traduzem partes dos saberes sociológicos, psicológicos e psicanalíticos numa linguagem acessível e apelativa empregando frases como “esse exército de cinderelas à procura de um príncipe encantado é sinal dos tempos” ou “o perfil de quem publica ou responde a um anúncio é o de uma pessoa excessivamente centrada em si mesma, que não consegue doar algo ao outro e, portanto, esbarra na muralha da própria solidão”.

Em 1995, a revista **Marie Claire**¹¹ publicou uma matéria intitulada *Namoro à distância, tão longe, tão perto*. Após uma série de depoimentos femininos, o psicanalista Contardo Caligaris tece algumas considerações: “A distância pode favorecer a idealização,

¹⁰ **Isto É**, 8 de maio, p.60-61,1996. número 1338.

¹¹ **Marie Claire**, Fev. 1995, número 47, p. 28-31. Ed. Globo

assim como a saudade pode alimentar uma obsessão”. A falta de uma convivência diária estimula fantasias de que finalmente se encontrou o par perfeito.” Diz ainda que um componente de narcisismo também pode se fazer presente. “Por não ser um amor cotidiano, pode tornar-se mais literário e satisfatório narcisicamente, já que não é como viver o amor que todo mundo vive; é uma maneira de se sentir diferente aos olhos dos outros”.

Em **O Globo** a matéria *Casamento à vista*¹² diz que as agências recebem 20 novos candidatos ao altar por dia, com inscrições a 1500 reais. Na **Folha de São Paulo** o artigo *Agência Ganha Dinheiro com Solidão*¹³ também aborda as agências espalhadas pelo país dirigidas basicamente a um público elitizado em termos econômicos, onde o perfil dos candidatos é minuciosamente verificado, incluindo exames psicológicos e de saúde.

As colunas de correios sentimentais oferecem um interessante vislumbre dos processos de negociação subjacentes à escolha de parceiro, uma idéia do tipo de qualidades que as pessoas procuram num parceiro e as qualidades que acreditam que um possível parceiro procure nelas. São como lances iniciais numa negociação que às vezes termina em casamento. Tratando-se de clientela rica ou pobre o objetivo último é a busca do parceiro ideal.

¹² 22 de setembro de 1996. Jornal da Família.

¹³ 7 de abril de 1996. Folha Tudo.

3.2 - O preso e o anúncio

Os anúncios dos homens presos possuem algumas peculiaridades referentes à especificidade de sua condição. Por exemplo :

- “Tenho 37 anos, gosto de música, de bons livros e de montanhas. Estou privado de minha liberdade, mas o pior é não ter companhia. Por isso gostaria de merecer um pequeno espaço para tentar contactar mulheres entre 28 anos e 40 anos, para uma amizade sincera ou algo mais. Não tenho preconceitos, estudo no primeiro grau e já estou passando para o segundo.”
- “Estou preso há mais de 8 anos e em completa solidão. Entretanto, obtive uma grande melhora a partir do momento em que conheci nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Mas a verdade é que o homem não consegue viver em perfeita harmonia com a Natureza sem um ombro amigo. Gostaria de me corresponder com moças de 35 a 45 anos, sem preconceito...”

Estes anúncios foram publicados por participantes da pesquisa em uma revista feminina e em um jornal religioso, respectivamente. As fontes principais de nomes e endereços de moças e rapazes querendo se corresponder são programas de rádio, **A Folha Universal**¹⁴ e revistas femininas. Destas últimas os presos apanham nomes e endereços tendo desistido de mandar seus próprios anúncios porque as revistas os têm rejeitado após conhecimento de sua condição de presos. Já os jornais religiosos e os programas de rádio são menos rigorosos na seleção e acolhem todos.

Os neopentecostais não são os únicos a permitirem divulgação desse tipo de anúncio em suas publicações. Os presos mencionaram a **Revista Cristã Unijovem**, o **Jornal Messiânico**, o **Boletim Semanal Espírita** e publicações não religiosas como **Carícia**, **Correio Astral**, **Clube dos Amigos**, **Amigos faz Amigos**, **Revista Rainha** e **Boa Sorte Encontro**. Todos os presos conhecem estas revistas e jornais e cada exemplar é trocado entre os companheiros na prisão. Quando escolhem um anúncio feminino para escrever riscam o

¹⁴ Jornal da Igreja Universal do Reino de Deus.

nome e o endereço completamente para que nenhum outro escreva para a mulher escolhida. É grande o desgosto de descobrir que a mulher que julgam sua exclusiva correspondente também se corresponde com outro. Paradoxalmente coexistem sentimentos de tolerância à infidelidade nas cartas como se houvesse um acordo tácito entre eles de que a troca de cartas não é algo tão sério quanto um relacionamento onde o casal se encontra e já houve intimidade física.

Os elementos básicos nos anúncios abordam solidão, carência, compromisso e preconceito. Costumam mencionar que estão em busca de alguém sem preconceito e este pedido é mais um elemento do jogo de sedução. Admitem no entanto que se fossem homens livres não se relacionariam com mulheres presas¹⁵. As mulheres “responsa”, trabalhadoras e honestas em sua concepção são valorizadas e as mulheres-bandidas repudiadas¹⁶.

¹⁵ No material analisado só houve um caso de homem preso se correspondendo com mulher presa.

¹⁶ O artigo de Zaluar, **Mulher de bandido : crônica de uma cidade menos musical** aborda o tema do envolvimento criminal de mulheres. Este artigo faz parte do livro **Condomínio do Diabo**, Revan, 1994.

3.3 - A Imprensa Feminina

Há um tipo de produto jornalístico voltado para o público feminino onde as mulheres desta pesquisa veiculam seus anúncios sentimentais. Como elas não foram entrevistadas, procurou-se conhecê-las através de suas cartas, na maneira como se descrevem, nos atributos que escolhem para a sedução e pesquisando-se a chamada imprensa feminina, aonde se enquadram as leituras de seu lazer e nas quais publicaram seus anúncios em busca de companheiros amorosos.

Estas revistas e livros fazem parte de suas leituras e neste sentido cabe um levantamento bibliográfico sobre este tipo de imprensa com o objetivo de conhecer-se os assuntos e temáticas que interessam a estas mulheres, como a mulher é nela retratada e qual a participação e influência desta imprensa na construção dos papéis femininos.

Inicialmente cabe um esclarecimento sobre a existência da denominação imprensa feminina e entende-se como tal aquela dirigida às mulheres tendo sido produzida por jornalistas homens ou mulheres. A imprensa feminina não é homogênea. Há revistas especializadas para públicos femininos diferentes de acordo com faixa etária e condição sócio-econômica.

As revistas são produtos históricos e vão transformando seu conteúdo e sua linguagem ao longo das mudanças sociais. Apesar das mudanças ao longo do tempo, observa-se que o homem continua sendo uma das referências femininas fundamentais. Um título como “A arte de ser amada” pode ser encontrado tanto na revista **Cigarra** em 1949 como na revista **Nova** em 1990¹⁷.

Evelyne Sullerot (estudiosa da imprensa feminina na França) citada por Buitoni (1981) diz que a história da imprensa feminina desenvolve-se em dois planos : o dos deveres e o dos direitos. O primeiro, incluindo estilos, modas e convenções possui matérias que ajudam as mulheres a viver da maneira que os homens querem que elas vivam. O segundo plano encampa a imprensa que trata da condição feminina. Neste estilo encontra-se algumas publicações desde o século passado tanto na França como no Brasil (Sullerot, *apud* Buitoni, *op. cit.*). Apesar da influência recíproca destes planos pode-se afirmar que o primeiro plano

¹⁷ No anexo 1 serão reproduzidos a sequência e títulos de um exemplar da revista **Correio Astral** que foi inúmeras vezes citada pelos presos como fonte de anúncios femininos.

predomina e o objetivo de seduzir os homens antes alcançado pelas virtudes, incluindo as morais e as físicas, agora é acrescido do consumo.

O clássico estudo de Sullerot sobre a imprensa feminina é frequentemente citado por Buitoni no livro **Mulher de Papel** não apenas por sua condição de referência básica mas porque a autora considera que a imprensa feminina brasileira teve uma evolução paralela à francesa.

Nas fotonovelas cujos textos foram analisados por Buitoni (1981) confirma-se a perspectiva voltada para o querer dos homens: “eles querem tal tipo de mulher, jamais o texto indaga o que as mulheres esperam dos homens” (p.92). No repertório de assuntos encontram-se matérias sobre beleza, cozinha, filhos, sexo e casamento, “todo o universo do lar tem presença garantida nas páginas das revistas para mulheres” (Moraes e Sarti, 1980, p.23). Em comum, de todos os assuntos que sempre frequentam as páginas de revistas femininas está o amor, o grande tema unificador, o casal é a solução de felicidade.

O sexo é o assunto que invadiu as revistas femininas mais recentemente. Tema excluído do repertório de conhecimentos de uma moça de família, agora é legitimado no universo familiar. “Ser dona de casa eficiente, mãe dedicada e esposa submissa não são mais garantias de sucesso frente ao marido e tampouco constituem os melhores meios para conservá-lo” (Moraes e Sarti, p.39). Há agora uma síntese permitida e compulsória entre o erotismo e o coração. A mulher moderna é “good-bad girl, pintada e enfeitada como boneca de amor, busca o grande amor, a ternura e a felicidade, herda a erotização da vamp e a pureza da virgem” (Morin, 1969, p. 151).

Tanto em Buitoni (*op. cit.*), como em Moraes e Sarti (*op. cit.*) constata-se que na imprensa feminina o perfil da mulher é atemporal uma vez que os temas abordados : moda, beleza, criança não tratam da realidade social imediata, podendo ser publicados em qualquer época diferenciando-se do que seria chamado de jornalismo informativo que aborda temas tais como transporte, violência urbana, crise no ensino. Estes são assuntos das revistas de homens. Os temas das revistas femininas são chamadas matérias frias no sentido que poderiam ser publicadas em um mês ou em outro, respeitanto, no máximo, a moda da estação. Quando apresentam dissertações sobre um tema atual é sob a forma de editorial, ou seja a opinião específica de algum jornalista ou da direção do órgão de imprensa.

A leitura jornalística típica dos textos dirigidos aos homens diferencia-se da leitura

“romanesca” mais característica do público feminino. A primeira promove o encontro do leitor com a realidade. Sua leitura é lugar de conhecimento e através deste procedimento o indivíduo se inteira daquilo que diz respeito ao meio de que é “sócio”. Já as leituras românticas femininas remetem à intimidade tanto que o texto da imprensa feminina dirige-se à leitora como se estivesse conversando com ela, como uma amiga íntima falando à outra. Este jeito coloquial, que elimina a distância, faz as idéias parecerem simples, cotidianas, frutos do bom senso, ajuda a passar conceitos, cristalizar opiniões. Mas se há consenso quanto ao papel da imprensa na formação de opiniões isto não pressupõe que as mulheres sejam receptáculos passivos da ideologia veiculada nesse tipo de imprensa. As mulheres buscam nas revistas respostas às inúmeras dúvidas e angústias que as atormentam.

O gênero confessional que traz para as revistas relatos verdadeiros de problemas sentimentais faz enorme sucesso até hoje. Em 1938, na França, a revista *Confidences* inaugura o filão das revistas românticas populares mais tarde desdobradas no gênero fotonovela. Sullerot, (*apud* Buitoni, 1981) afirma que passou-se a dar como alimento às mulheres seus próprios problemas. O livro de Marina Colasanti intitulado **Intimidade Pública** (1990) é composto por uma seleção das cartas dos leitores da revista *Nova* desde 1984, sendo esta considerada uma revista bastante avançada dentre as da imprensa feminina em função de suas matérias que valorizam a mulher independente.

No Brasil, na década de 40, a revista **Grande Hotel** segue o modelo da *Confidences* com seções como “Problemas do coração” em que um missivista expõe seus problemas de amor, concursos com a finalidade de promover casamentos e testes “psicológicos”. Buitoni (*op. cit.*, p.82) cita dois testes colhidos de um exemplar de **Grande Hotel** de 1947: “Estará você realmente amando?” e “Que mulher é você?”. A tônica é a exploração do romantismo.

Os testes tinham e ainda têm grande prestígio junto às leitoras. Buitoni os considera excelentes exemplos do psicologismo que começava a ser intensificado nos veículos de comunicação traduzindo vontade de auto conhecimento e busca de modelos de comportamento (Buitoni, p.82). O teste “Que mulher é você?” procurava desvendar o potencial de encanto de cada leitora, baseado nos tipos de personalidade sugerindo como a leitora deveria explorá-lo com o objetivo de agradar e triunfar na vida e no amor. Este teste é de particular interesse para esta pesquisa porque estereótipos femininos estão representados nos modelos sugeridos: amorosa, esposa, inteligente, camarada, mulher criança,

deslumbrante, maternal. Apesar do grande intervalo de tempo que separa o exemplar estudado por Buitoni e as cartas desta pesquisa, as mais antigas datadas de 1995, constata-se que as imagens de mulher destes modelos ainda estão presentes.

A forma de dirigir-se às leitoras, produzindo uma sensação de intimidade, não é o único meio encontrado de atraí-las. Nos textos que compõem os produtos típicos desta imprensa sentimental (consultório sentimental, contos, fotonovelas, artigos de cunho psicológico) opera um estilo que estimula os sentimentos identificatórios. Em cada uma destas matérias, cartas de outras mulheres, resultados de testes, histórias românticas, a mulher procura ver a si mesma.

Os resultados da pesquisa de Ecléa Bosi com operárias da indústria paulista na década de 70 confirmam os achados dos estudos anteriormente mencionados. Indicam uma preferência feminina pelas revistas femininas sentimentais. “Voltadas para a evasão, não perdem nunca sua atualidade uma vez que não se preocupam com os acontecimentos datados. Escavam a matéria do sonho romanesco, filão imutável, usando os mesmos temas do folhetim e do romance romântico” (Bosi, 1972, p.124).

Nas revistas lidas pelas operárias, as colunas sobre problemas sentimentais ocupam lugar privilegiado. São cartas de confissões ou histórias verdadeiras comentadas ou respondidas pelos jornalistas da revista. De acordo com Bosi este tipo de matéria é uma tentativa de personalizar a relação revista-leitora. As cartas são consideradas por ela a parte mais importante da revista porque através delas estabelece-se contato com as dificuldades da condição feminina e da sociedade, daí conterem um alto valor de documento psicológico e sociológico. Bosi acredita ainda que as cartas expõem a nu os preconceitos que cerceiam o mundo feminino porque rompem com as estruturas consoladoras dos romances e fotonovelas. “Faz parte das estruturas de consolação a idéia de que a fraqueza e o desamparo podem sair vitoriosos graças a uma bela intervenção do destino” (p.141).

Os romances de banca também situam-se no contexto de produção da chamada “literatura de massa”. São romances vendidos nas bancas, tipo livro de bolso e contêm basicamente histórias de amor. O público comprador é constituído de mulheres em sua maioria de 15 a 24 anos (Prado, 1989). Segundo dados desta mesma autora, 60% pertencem às classes sociais “B” e “C”, são solteiras e cursam ou já cursaram o segundo grau. Estes romances são considerados descendentes dos folhetins do século passado e aparentados com

as fotonovelas e telenovelas. São vendidos em bancas montadas nas adjacências das feiras livres possuindo um público fiel que compra e troca exemplares entre si. As histórias são muito similares diferenciando-se na ambientação e na carga de erotismo. Habert, citada por Prado, refere-se a um esquema onde “o amor é uma esfera solvente, dilui todos os problemas e obstáculos e passa a vigorar em toda a sua plenitude” (Habert, *apud* Prado, 1989, p. 15).

A imprensa feminina alterna portanto assuntos ligados à casa, o bem-estar e aqueles ligados ao amor e à sedução. Estes últimos pertencem ao domínio do coração, onde o imaginário predomina. Morin distingue três zonas no reino do coração : a zona tutelar que engloba os correios sentimentais, problemas sentimentais e anúncios matrimoniais; a zona de realidade romanceada que engloba novelas, biografias e informações amorosas de personalidades célebres e, por último, a zona dos cine-romances e fotonovelas da imprensa sentimental.

O amor é o “tema obsessional da cultura de massa” (Morin, 1969, p.137), centro da felicidade moderna. O tema do amor esteve presente em outros séculos e contextos mas a cultura de massa universaliza e transforma o amor no grande arquétipo desta cultura, concentrado na figura do casal. Para Morin, o terreno amoroso, por sua própria natureza é “a grande faixa oscilatória entre o imaginário e o real” (*op.cit.*, 142).

4 - A carta

4.1 - A carta como material de estudo

Os três autores mencionados a seguir utilizaram-se de cartas como material de estudos sendo que Baeta Neves além de utilizá-las em seu próprio trabalho propôs formas genéricas de abordá-las. Santos (1994), além de trazer uma revisão geral sobre o assunto procurou alinhar todo o material pesquisado em torno de uma hipótese sobre a preferência entre os transgressores por este instrumento de comunicação e Costa (1992) privilegiou as cartas dos fãs do programa radiofônico de Gil Gomes, em São Paulo.

Baeta Neves (1988) propôs alguns tópicos para o estudo de cartas considerando inicialmente o fato de que a carta transcende, por sua própria materialidade, “a vontade de quem a escreveu (já que poderá ter diversas apropriações por parte de quem as leu) e passa a circular em uma área que pode escapar, inteira ou parcialmente, do universo do remetente” (p.192).

A troca de cartas estabelece, de maneira formal ou informal, regras de reciprocidade isto é, respostas breves ou extensas, respondidas rápida ou mais lentamente e com conteúdo pertinente ao clima instaurado pelo primeiro contato. É importante a análise das formas de tratamento, nominação e interpelação utilizadas como cabeçalhos, formas de despedida e também a análise da própria materialidade da carta, isto é, deixando-se de lado seu conteúdo formal e privilegiando-se características tais como papel empregado, tipo de envelope e maneira de subscritá-lo, cor da tinta utilizada, maneira de ocupar a folha, conteúdos extra, além do texto principal, desenhos nas margens e nos envelopes.

Quando propôs uma teoria da carta, Baeta Neves tinha em mente o século XVII no Brasil, o contexto jesuítico e a especificidade da carta naquele contexto histórico assunto de suas pesquisas na ocasião. Algumas de suas propostas valem para qualquer situação onde cartas estejam sendo trocadas, outras nem tanto porém o que podemos concluir daí é que regras específicas devem ser criadas nas situações de cada estudo.

Santos (1994) estudou a carta no Direito, na Literatura e realizou um estudo de caso sobre as cartas de Mário de Andrade. Este autor acredita que a carta é o meio em que o

receptor se envolve com mais intensidade e a leitura da uma carta é sempre um ato de total entrega e absorção. “Não há ruído na leitura de uma carta, meio que prolonga um único dos nossos sentidos, a visão” (*op. cit.*, p.15). Considera a carta o veículo que ultrapassa a fronteira da norma com mais frequência chegando a afirmar que “toda vez em que uma pessoa se aproxima de um comportamento desviante, é em uma carta que ela vai exteriorizar as suas intenções” (p.17). “É o corpo de delito por excelência” (*ibidem* p.17). Cita exemplos da literatura onde exemplos da carta como instrumento de transgressão são inúmeros. Cita dentre outros a peça **Cyrano de Bergerac** e as cartas de Lewis Carroll para suas jovens amigas. Também para comprovar sua tese, menciona exemplos dos sequestros sempre pontilhados por cartas, das cartas dos suicidas, das cartas dos adúlteros.

Mesmo sem chegar ao extremo de tratar as cartas desta pesquisa como exemplos de corpo de delito, deve-se considerar a especificidade do contexto aqui estudado, já que pelo menos um dos participantes da correspondência é um criminoso. Suas cartas certamente contêm muitas mentiras, mas mentiras amorosas não são delitos, a não ser que consideremos previamente todas as ações e falas de homens presos como produtos criminais.

No trabalho de Costa (*op. cit.*) sobre o programa Gil Gomes, a maior parte do material pesquisado foi de cartas enviadas pelos ouvintes ao radialista¹⁸. Das cartas enviadas, mais da metade são de mulheres que declaram-se apaixonadas pelo apresentador ou que escrevem por se sentirem solitárias. Foi observado que diversos papéis eram imputados ao jornalista, dentre eles os de justiceiro, irmão, amigo e amante. O texto das cartas corrobora o que Costa já havia percebido anteriormente em relação aos textos lidos no programa, que o crime propriamente dito não interessaria tanto quanto a história de vida dos personagens envolvidos naqueles crimes, amplamente exploradas e dramatizadas pelo apresentador. Esta dramatização é determinante da pluralidade de leituras em relação ao fato narrado e da multiplicidade de imagens ou papéis atribuídos ao radialista. Poderíamos comparar o efeito desta dramatização aos possíveis efeitos do texto da carta masculina sobre as mulheres.

¹⁸ Na ocasião da elaboração da pesquisa de Costa este programa era veiculado através de rádio.

4.2 - A carta no contexto prisional

Nos manuais de cartas muitas situações são enumeradas, cada uma com seu modelo, e as cartas de presos trocando correspondência com mulheres não foi esquecida por Figueiredo (1969), o que sugere ser a situação prisional uma clássica situação motivadora de correspondências. No entanto, é curioso observar que pode-se trabalhar anos no sistema penal desconhecendo-se a extensão desta prática. A visibilidade da prática ocorre a partir do momento em que é mencionada e aí todos têm histórias para contar a respeito, agentes penitenciários, diretores, profissionais de saúde. São assuntos de bastidores e revelam a dinâmica prisional tanto quanto os regulamentos e rotinas. Os manuais além de fornecerem modelos para cartas em diversos contextos também abordam sobre a estrutura da carta, as partes em que ela se divide, local para o cabeçalho, no que ele consiste e as palavras iniciais de cortesia. Nas cartas amorosas pesquisadas observam-se por vezes resquícios destas formalidades que no decorrer da correspondência vêm a ser substituídos por uma linguagem intimista constituindo uma estrutura peculiar. “É o texto escrito que quer ser oral, um monólogo que quer ser diálogo” (Santos, 1994, p.16).

Embora tenham clareza da importância do estilo para o objetivo da conquista, os presos não utilizam os tradicionais manuais de cartas de amor. Contratam os serviços de terceiros para a tarefa de escrever quando são analfabetos, têm caligrafia feia ou sentem-se incapazes de escolher as palavras adequadas.

Em cada prisão costuma haver mais de um homem com a função de “escrevedor oficial”. O mais conceituado deles na penitenciária onde foi realizada a pesquisa consegue conquistar uma mulher em três cartas e trazê-la para a visita. Organizado, mantém caixas separadas e numeradas para as correspondentes de cada preso, não correndo o risco de confundir destinatários e assuntos. Presta consultoria sentimental aos companheiros que deixaram de receber visitas, escutando os relatos das atitudes e palavras proferidas e ajudando o abandonado a perceber aonde errou. Considera-se e é considerado um artista e seu ofício uma arte. Os autores de manuais também consideram escrever cartas uma arte. Figueiredo assim define esta arte :

consiste na transmissão de idéias de um espírito para outro por meio

da linguagem escrita. Esta arte é uma das mais úteis e desejáveis assim como uma das realizações mais interessantes e importantes. É útil devido à sua aplicação em todos os setores e atividades da vida. É desejável porque assegura cultura intelectual, fortalece o caráter e estimula um vigoroso aperfeiçoamento mental, pois o estilo indispensável a uma carta bem escrita resulta de grande raciocínio e concentração. É de interesse e importância porque traz alegria e consolo entre amigos ausentes, porque é um meio de manter e fortalecer laços de amizade ou conhecimento e porque conserva as ternas emoções amantes durante uma longa separação (1969, p.11).

Os entrevistados compartilham da opinião apaixonada de Figueredo quanto às cartas não só como meio de conservar as emoções nas separações, mas como forma de conhecimento, exercício mental e de caligrafia. A maior parte dos presos que se correspondem nunca havia escrito uma linha antes da ida para a prisão e “descobriram seu talento de escritor ali dentro”. A carta é descrita por eles como uma comunicação de coração para coração e comparada a uma visita de cinco minutos, tempo aproximado dispendido na leitura de uma carta.

Se a maioria sabia da importância do estilo para obtenção dos objetivos pretendidos, cabe menção a um preso participante da pesquisa que não conseguia entender porque não conseguia namoradas por carta. Imaginou que pudesse ser a idade, mais de 40 anos, ou seu tipo físico franzino. Porém, o fator preponderante era sua incapacidade de seduzir através das palavras. Este jogo supõe um encadeamento de mostrar-se e esconder-se sempre regado de muitas palavras amorosas. Muito direto, contava com todos os detalhes sobre seus crimes, sua infância nas ruas e instituição de menores. Nenhum romantismo, sonho, talvez porque ele mesmo não os tivesse. Resultado: só respostas de mulheres propondo amizades fiéis e mesmo assim poucas.

A linguagem coloquial utilizada tenta ludibriar a realidade da demora, o tempo percorrido desde que a carta é escrita até chegar ao destinatário. Os traços de fala como falsos começos, repetições e correções são frequentes, sugerindo uma conversa e não um texto escrito que precisará da resposta para que se complete o ciclo da comunicação.

Neste contexto que mistura ingredientes de reclusão, carência, solidão e paixão a força da palavra escrita é tanta que o escrito vale mais do que a realidade. Um preso tentando explicar a rápida evolução observada neste tipo de relacionamento sintetiza a situação com a frase: “vale o que está escrito”. A realidade que seria o encontro (a visita da mulher ao preso) é muitas vezes temida e adiada tanto pela mulher quanto pelo preso. O encontro com a mulher adquire contornos de realidade semelhantes ao experimentados no retorno à liberdade. Todos afirmam categoricamente que o dia de sair é o que mais querem. Contudo, quando o dia chega aparece uma série de sentimentos ambivalentes. Há presos que evitam intencionalmente receber visita das mulheres com as quais se correspondem; preferindo manter a aura de romance e encontrá-las após a liberdade.

Os motivos que levam os presos a manter correspondência compõem um grupo altamente heterogêneo. Há os que escrevem pelo prazer da escrita, de receber cartas e exercitar os jogos de sedução (escolhendo para tal mulheres em extremos do país) e outro grupo que se corresponde com o único intuito de “conseguir mulher”, tanto que assim que a mulher vem visitá-lo, a correspondência cessa. Dentre estes últimos encontram-se aqueles com intenção de relacionamento estável e os exploradores de sentimentos alheios (que todos negam ser), aqueles que fazem da mulher uma provedora de todos os tipos de bens necessários.

Desenvolve-se nas prisões uma economia informal em decorrência do Estado não atender ou atender mal as necessidades básicas dos internos. Coelho (1987) a denomina economia “delinquente” por seus aspectos irregulares e ilegais. Pode-se adquirir quase qualquer coisa em uma prisão desde que se tenha como pagar por isso. “O grosso das mercadorias e dos valores que movimentam esta economia é fornecido, com grandes sacrifícios pelas famílias dos internos. Dentro das prisões, qualquer destes objetos adquire o valor de raridade” (*op.cit.*, p.54). Coelho acredita que o assunto “visita” seja tão falado entre os presos porque é quando se abastece a economia delinquente. As cartas entram neste circuito e tenta-se escamotear esse aspecto com a capa do romance. O fato é que poucos não se beneficiam objetivamente com a correspondência e o limite que configura a “extorsão” oscila em função da rigidez ou flexibilidade dos padrões morais de cada um, aplicados a si mesmo e aos outros.

Um preso que tenha recebido um excesso de respostas a um anúncio, como é muito

frequente, pode após a seleção das que mais lhe interessam oferecer, algumas correspondentes em troca de algum bem.

A correspondência portanto pode vir a ser um mecanismo bastante lucrativo dentro da dinâmica prisional, especialmente para os presos “caídos”¹⁹. Sendo esta prática o “mapa da mina”, como definiu um preso, é de se estranhar que poucos a utilizem. Segundo eles, as razões principais são o analfabetismo e a preguiça.

Observa-se também que presos que recebem visitas frequentes, inclusive da esposa, mantêm esse tipo correspondência pelo prazer de escrever e manter um clima de sonho. O romance existe mas está enredado no resto da dinâmica da prisão.

A solidão é citada pela maioria como o grande motivador da correspondência e surpreendem-se ao constatar que há pessoas tão carentes quanto eles julgam ser. As mulheres as vezes usam pretextos religiosos mas “no fundo estão querendo matar carências”. Por conclusões próprias ou baseados nos relatos femininos, os presos acham que há poucos “homens de verdade” no mundo de fora e nenhum disposto a assumir compromisso. As mulheres estariam cansadas de se machucar e partiriam para a correspondência em busca de um ombro amigo e do homem ideal. É frequente a mulher pedir conselhos a seus correspondentes acerca de problemas com filhos, negócios, trabalho, assuntos do lar. Eles não recusam o papel de conselheiros e opinam sobre tudo com a autoridade de homens sábios.

Há consenso entre eles de que as mulheres decidem quando mudar o tom da correspondência. Evitando cometer deslizes, aguardam os sinais de que a mulher já está suficientemente confiante para ousar nos jogos erótico-amorosos.

Em linhas gerais os homens sentem-se muito valorizados²⁰ por suas correspondentes e chegam a vangloriar-se de conquistas simultâneas com visitas intercaladas. Reproduzem-se em todos os detalhes aspectos das relações homem- mulher da sociedade livre. Se havia alguma idéia prévia de que a situação de preso inverteria o jogo de dominação, colocando agora a mulher em uma situação de superioridade, com controle da situação, o conteúdo das cartas femininas desmente esta hipótese.

As mulheres temem a possibilidade de que os homens ao saírem não as procurem. De

¹⁹ Este termo designa o preso que não tem visita. família para “correr atrás”, procurando advogados, indo ao Fórum para acompanhar os processos, estando abandonado a própria sorte.

²⁰ Constatado nas cartas femininas e no relato deles.

fato, isto ocorre frequentemente, a vida real os leva para outros lados e percebe-se que eles acordam do sonho sem nenhuma lembrança dele enquanto as mulheres frequentemente entremeiam a realidade ao sonho em suas vidas. Os homens enquanto presos sentem-se seguros de possuir uma referência externa após a liberdade. Mesmo que não as utilizem depois, as promessas de casa, emprego e acolhida feminina amenizam o sofrimento diante do futuro incerto.

5 - Metodologia

5.1 - Notas sobre o trabalho de campo

Um longo caminho foi percorrido anteriormente à análise das cartas. Em primeiro lugar, a pesquisa de campo, de caráter exploratório, realizada em 1994 com os presos do Presídio Hélio Gomes, quando abandonou-se o projeto inicial de estudar-se a família do preso e surgiu a idéia de se analisar a correspondência amorosa a partir da pergunta de um preso: porque mulheres bonitas, “bem situadas na vida”, escreviam para ele, um presidiário ?

Em 1995, novas entrevistas foram realizadas com homens presos, profissionais de Psicologia, Serviço Social, diretores e administração, com o objetivo de verificar a abrangência da prática da correspondência em questão e a viabilidade de um estudo acerca dela. As unidades escolhidas foram o Presídio Ary Franco e a Penitenciária Lemos de Brito, sendo esta última a selecionada para a pesquisa de campo propriamente dita, que ocorreu no período de março a dezembro.

A diretora da unidade, após tomar conhecimento dos objetivos da pesquisa, autorizou a utilização de salas para entrevistas individuais e grupais e permitiu que as mesmas fossem realizadas sem interferências de terceiros alheios ao trabalho o que nem sempre é possível em se tratando de estabelecimentos prisionais. Ramalho (1983), pesquisando na Casa de Detenção em São Paulo, relata que nunca teve autonomia para manter com os presos uma relação independente da mediação de um funcionário.

O fato de a pesquisadora pertencer ao quadro funcional do Desipe certamente facilitou os contatos iniciais com a administração e, concomitantemente, dificultou as primeiras entrevistas com os homens presos que em vários momentos demonstraram desconfianças sobre os reais propósitos da pesquisa. Certamente algum tipo de dúvida pode ter persistido em algum participante até o final mas em linhas gerais o desenvolvimento do relacionamento entre eles e a pesquisadora acabou finalmente permitindo o desenrolar do trabalho.

Como assinalou Berreman (1962), a apresentação do pesquisador diante do grupo é o primeiro grande confronto do etnógrafo no campo. Normalmente, enfatiza-se mais a tarefa do pesquisador de procurar compreender e interpretar o modo de vida das pessoas e pouco

atenta-se para a forma como o pesquisador dá a conhecer seu trabalho e seus objetivos; “ambas tarefas, como toda interação social, envolvem controle e interpretações de impressões” (p.125). O fato é que nunca saberemos ao certo o que levou os entrevistados a colaborar.

Em 1943, Foote-White nas clássicas notas sobre seu trabalho de campo já havia constatado que a aceitação do pesquisador depende muito mais das relações pessoais desenvolvidas do que dos esclarecimentos que possa dar. Pesquisadores de campo em países, épocas e com temas diversos (Berreman 1962, Perelberg 1980, Zaluar 1985) verificaram que no desenrolar da pesquisa, o grupo pesquisado desenvolve suas próprias explicações sobre a pesquisa e pessoas que nem faziam parte do grupo selecionado inicialmente chegam até o pesquisador com idéias e críticas. No caso desta pesquisa, alguns presos acharam que seria escrito um livro e apressaram-se em dizer que já estavam elaborando um livro de cartas. Muitos presos que não mantinham correspondência queriam falar a respeito e dar sugestões sobre os rumos da pesquisa. Um deles sugeriu que a pesquisadora mandasse um anúncio para alguma revista buscando correspondentes e “sentisse na própria pele” como se desenvolve a história de amor por carta. Havia aí uma tentativa de situar a pessoa da pesquisadora nos papéis já conhecidos: mulher que se corresponde, mulher solitária em busca de amor. Uma mulher interessada pelas histórias amorosas deles deveria ter interesses outros além dos estritamente científicos. Um outro quis saber se a pesquisadora já havia se relacionado desta maneira.

Em Zaluar (1985), o marco decisivo para a colaboração dos moradores, foi ela ter dito que seria publicado um livro com o material coletado, pois acreditavam que seu local de moradia seria mostrado de forma positiva.

Em Lemgruber (1983), as internas no presídio feminino queriam saber se a cooperação ajudaria na redução da pena. As perguntas foram diminuindo mas a autora lembra que estas questões provocam sentimentos de culpa no pesquisador uma vez que ele estaria recebendo muito e dando pouco. Gans (1968) diz que este sentimento é muitas vezes compensado com uma superidentificação com os observados especialmente quando se está trabalhando com pessoas estigmatizadas e esta situação certamente compromete a objetividade da análise.

Da mesma forma que uma mulher pesquisando sobre relacionamentos amorosos em

prisão de homens acarretou o surgimento de questões específicas na interação pesquisador-pesquisado, a realização de pesquisa de campo em instituição prisional por si só já configura alguns outros problemas. Becker (1976), considerando o estudo do desvio, menciona o fato de dar-se crédito “à perspectiva do grupo subordinado em alguma relação hierárquica. No caso do desvio, a relação hierárquica é uma relação moral. Os grupos superiores na relação são aqueles que representam as forças da moralidade oficial e aprovada; os grupos subordinados são aqueles que, conforme se alega, violaram aquela moralidade” (p.124). Ao dar voz ao grupo subordinado, o pesquisador rompe com a “hierarquia de credibilidade” (ibidem, p.126).

Esta importante questão levantada por Becker foi enfrentada por Lemgruber (1983) na pesquisa já mencionada anteriormente na Penitenciária Talavera Bruce, uma vez que a ótica das detentas sobre a vida intramuros foi privilegiada. As interpretações sobre o universo prisional basearam-se no discurso das detentas. No caso desta pesquisa, o discurso dos presos e o texto das cartas das mulheres são também privilegiados, porém esta temática não traz conflitos acirrados quanto a credibilidade dos diversos depoimentos, apenas alguns confrontos. A diretora acreditava que a participação de certos presos na pesquisa não teria validade, por serem “171” contumazes só iriam contar mentiras²¹.

O tema da correspondência amorosa traz mais concordâncias do que conflitos em se tratando do binômio administração vs. presos. Tema pitoresco, sobre o qual todos têm uma história para contar, passando ao largo de problemas conflituosos e cotidianos das prisões como segurança, repressão²². Se estes últimos assuntos se fossem objeto de nosso estudo certamente tornariam a instituição refratária especialmente se apenas os presos fossem entrevistados. “Uma avaliação da operação de uma instituição a partir do ponto de vista dos subordinados, portanto, lança dúvidas sobre a linha oficial”. Becker observa ainda ironicamente: “todo mundo sabe que profissionais responsáveis sabem mais sobre as coisas do que os leigos, que os policiais são mais respeitáveis e que suas palavras deveriam ser levadas mais a sério do que as palavras dos desviantes e criminosos” (Becker 1977, p.128).

²¹ Na gíria chama-se de “171” (número do artigo do código Penal referente à estelionato) os indivíduos que com uma boa conversa, em geral mentirosa, conseguem convencer o interlocutor de algo obtendo vantagem com isso. A gíria possui relação direta com o artigo mas nem sempre alguém chamado de “171” está preso em decorrência deste crime ou o praticou de fato.

²² Houve momentos em que a correspondência sofreu censura periódica e a pesquisa já mencionada de Lemgruber abrange aquele período. (1976-1978). Cabe ainda lembrar que naquela época havia presos políticos, tanto nas prisões femininas quanto masculinas do Rio de Janeiro.

A ótica dos presos e dos funcionários da administração sobre o assunto não apresentava divergências, eram enfoques de diferentes sujeitos participando mais ou menos ativamente de uma mesma prática. Porém entre os próprios presos constatou-se que o terreno das cartas não era totalmente neutro e muito pelo contrário, cada preso que falava do assunto precisava diferenciar-se dos demais, acusando sempre o outro de ser aproveitador e desonesto na maneira de relacionar-se através de cartas.

Garantir uma boa imagem perante o entrevistador é uma necessidade de todo entrevistado. Isto é ainda acentuado nas situações em que se verifica uma grande assimetria entre a condição do pesquisador e seu objeto de estudo, como o caso dos presos onde além da diferença de condição sócio-econômica ainda somam-se ainda os aspectos moral e legal²³.

Nas instituições totais a necessidade de construir uma imagem favorável não se refere apenas à relação com o entrevistador mas ao medo da “contaminação”. É imperioso diferenciar-se e separar-se das pessoas indesejáveis pois as relações sociais são forçadas. Goffman (1974) descreveu a idéia de contaminação considerando o medo da contaminação física e a de tipo simbólico, na qual o preso, mesmo reconhecendo-se como criminoso, percebe com desconforto a convivência com outros criminosos, os quais julga piores ou mais perigosos que ele. No caso das cartas constatava-se que a possibilidade de que fossem considerados desonestos como os outros era abominável. Para eles, a situação de grupo nas entrevistas também foi muito penosa e cada um agia como se não houvesse outros no recinto. A princípio este comportamento foi interpretado como necessidade de atenção exclusiva mas o medo da contaminação era um fator preponderante.

A decisão de entrevistá-los grupalmente foi tomada após várias entrevistas individuais realizadas em mais de uma unidade prisional quando foi constatado que a situação a dois dificultava a coleta de dados. Nas entrevistas individuais um clima propenso a confidências se instalava. Muitos outros assuntos surgiam e a necessidade de exclusividade tornava-se cada vez mais importante.

Ao início de cada jornada de trabalho fornecia-se uma lista com os nomes dos presos que seriam entrevistados naquele dia e a diretora providenciava para que eles fossem chamados.

²³ Alba Zaluar no trabalho “Mulheres e a direção do consumo doméstico”, de 1982, observou que os entrevistados queriam impressionar o entrevistador com a própria prosperidade mencionando o consumo habitual de carne, símbolo de status dos mais arraigados em tratando-se de alimentação.

No decorrer das entrevistas grupais estabeleceu-se uma dinâmica mais cordial entre eles e chegaram a entabular diálogos e expressar discordâncias. Depois de alguns meses de encontros semanais passaram espontaneamente a trazer biscoitos, café, chocolate, distribuídos entre os participantes. Houve brigas por causa de um biscoito a mais que um teria apanhado ou por um deles nunca contribuir e se “encostar” nos demais. Estas brigas podem parecer tolas aos olhos do expectador mas são sérias e resultado direto da interação que é estabelecida em prisões. A falta de solidariedade também é uma constante e a administração não estimula a união alegando preocupação com a segurança. É frequente o preso afirmar que não tem amigos ali dentro, estabelecem-se boas relações contigencialmente.

Há um fator que também tornava o assunto carta explosivo entre eles. A carta é uma das poucas situações de privacidade deles, especialmente depois que a relação se estreita. Deixar que os outros soubessem sobre suas correspondentes seria equivalente a compartilhar suas visitas²⁴. A carta faz parte do reduzido espaço individual do preso. Na penitenciária onde foi realizada a pesquisa de campo a maioria dos presos habitavam celas individuais e tinham o direito de circular livremente pela área dos pavilhões e galerias durante o dia sendo recolhidos à noite em suas celas. Esta regalia de possuir alguma privacidade é para poucos. Na maior parte das unidades as celas são coletivas e, invariavelmente, com excesso de lotação. A visita, as cartas, a cama ou colchonete fazem parte da territorialidade que cada um desenvolve ao longo de sua passagem por delegacias e prisões e estes elementos conferem um mínimo de segurança e demarcação de limites, essencial em uma situação onde convivem de forma forçada e promíscua uns com os outros.

Na Lemos de Brito a diretora e o funcionário da Seção de Custódia²⁵ sugeriram que o preso “carteiro” indicasse aqueles que mantinham correspondência amorosa mas ele só o fez depois de falar bastante a respeito tendo escolhido companheiros de suas relações porque ele não iria indicar alguém de quem não gostasse para participar de uma situação que ele julgava privilegiada. O mesmo se deu com os outros presos indicados, sendo que estes nem sabiam indicar outros nomes. Era preciso alterar este sistema de indicação um a um que faria com que a pesquisa de campo durasse mais tempo que o previsto. Foram solicitadas indicações de pessoas variadas : psicóloga, diretora, presos faxina²⁶.

²⁴ Na cultura prisional há um código de comportamento próprio para os dias de visita, onde o respeito é regra básica.

²⁵ Nesta seção fica guardado certo tipo de bens dos presos, de lá as cartas partem e chegam, sendo distribuídas nas galerias por um preso.

²⁶ São presos que trabalham na cadeia em serviços administrativos ou braçais.

Formou-se um grupo não natural, isto é, os componentes não consideravam que compusessem um grupo. Isso mostrou ser outra dificuldade porém menor do que aquela enfrentada em entrevistas individuais. No grupo suas opiniões e relatos eram confrontados e revelavam-se facetas que eles preferiam esconder.

No início surgiu uma situação comum a muitos trabalhos de campo. O que eles iriam ganhar colaborando com a pesquisa? Pedidos os mais variados eram formulados: entrar em contato telefônico com as correspondentes para transmissão de recados urgentes, enviar telegramas. Em geral situações que eles teriam como resolver por si sós, com certo grau de dificuldade é bem verdade, mas que faziam parte de uma troca de favores: eles recebendo tratamento diferenciado como recompensa pelas informações da pesquisa. Sugeriram que a pesquisadora entrasse em contato com a psicóloga da unidade e passasse informações que os beneficiassem nos exames psicológicos²⁷. Esses pedidos cessaram a partir do momento em que a pesquisadora se recusou a atendê-los.

Seria injusto e ingênuo, no entanto, atribuir toda a atenção dispensada por eles a um esquema de “toma-lá-dá-cá” porque muitos gestos foram expressão de generosidade gratuita. E buscar alguma forma de se beneficiar com a pesquisa é um direito de todo pesquisado; quase ao final dos encontros sugeriram que a pesquisadora, como psicóloga do sistema, lutasse para que grupos como aquele fizessem parte da rotina de trabalho.

Houve insistência para que as mulheres também fossem entrevistadas e muitos deles, envaidecidos contaram para as namoradas sobre a pesquisa. Há uma ética própria no relacionamento entre eles que implica em guardar somente as cartas das mulheres com quem eles estejam se relacionando no momento. Os homens aprendem ao longo da correspondência que as mulheres fazem questão que eles guardem todas as suas cartas desde o início e elas fazem o mesmo. No caso de relações simultâneas eles se encarregam de esconder as cartas das outras nos momentos necessários.

Se existe uma ética dos presos sobre as cartas recebidas cabe um questionamento sobre a utilização deste material na pesquisa. A carta sempre contém uma carga de intimidade e a pesquisadora tem acesso sem o consentimento de uma das partes.

Santos (1994) esclarece que toda carta é protegida, não importando seu conteúdo ou

²⁷ Ter família ou pessoas ligadas ao mundo do trabalho dispostos a ajudá-los após a liberdade conta favoravelmente para a obtenção da liberdade plena ou benefício de redução de pena. No caso, as relações conseguidas através da correspondência seriam esta referência.

seu autor mesmo sendo consenso que o conteúdo da carta pertence ao destinatário. No caso desta pesquisa a questão ética em jogo estaria comprometida caso houvesse publicação das cartas sem a permissão dos respectivos autores. Como elas foram lidas com o consentimento dos destinatários e delas foram retirados pequenos trechos que compuseram posteriormente as temáticas mais frequentes, a questão da autoria se dilui, preservando-se a privacidade dos mesmos²⁸.

Não menos importante que a ética em relação à carta das mulheres é o compromisso com os entrevistados. Muitos deles insistiram em receber um exemplar da dissertação após sua elaboração final. Queriam, justificadamente, ver a prova concreta da utilidade de seus depoimentos. Costumavam preocupar-se com a qualidade das informações prestadas, insistindo em saber se era exatamente aquilo que a pesquisadora precisava para o andamento da pesquisa.

Cabe uma indagação quanto à concordância dos presos sobre o que foi escrito, especialmente sobre as suas motivações para o estabelecimento da correspondência amorosa, já que muitas passagens revelam a incredulidade da pesquisadora. Até que ponto um pesquisador tem o direito de demonstrar que acredita em um depoimento, enquanto entrevista, e depois escrever algo que contrarie a atitude adotada?²⁹

²⁸ O livro de Nelson Paulo Teixeira dos Santos, **A Carta e as cartas de Mario de Andrade**. Rio de Janeiro. Diadorim, fornece uma rica discussão acerca da carta no Direito.

²⁹ O livro de Janet Malcolm **O Jornalista e o Assassino**. Rio de Janeiro, Companhia das Letras aborda essa questão no caso do jornalismo a partir de um caso verídico onde um homem condenado por assassinato processou o jornalista que o entrevistou.

5.2 - Procedimentos metodológicos

O relato detalhado das condições da pesquisa de campo (Notas sobre o trabalho de campo) justificou-se uma vez que as condições de uma pesquisa constituem uma variável complexa e importante para o que se considera como os resultados da investigação. Especificamente nesta pesquisa, começar a análise das cartas desconsiderando os momentos e condições que propiciaram o acesso a elas implicaria uma perda substancial de aspectos da vida em prisões e a própria leitura das cartas ficaria empobrecida. Sem o contato com os homens presos a idéia das cartas talvez não tivesse surgido e sem o estreitamento da relacionamento entre estes homens e a pesquisadora, proporcionado pelas entrevistas sistemáticas ao longo de dez meses, as cartas provavelmente não teriam sido o material de análise.

A pesquisa realizada incluiu observação participante, entrevistas individuais e grupais. Aos homens entrevistados individualmente perguntou-se há quanto tempo se correspondiam, de que forma, a frequência de suas cartas, com quantas mulheres e qual a opinião deles sobre as razões que levavam homens e mulheres a este tipo de relacionamento. As perguntas não seguiam uma ordem pré-estabelecida e seu principal objetivo era fazer com que os homens falassem livremente a respeito do assunto.

Segundo Becker o método da observação participante é utilizado pelos sociólogos quando há interesse na compreensão de uma organização particular ou de um problema substantivo e não em “demonstrar as relações entre variáveis definidas abstratamente” (*apud* Zaluar 1990, p.96). O método pode testar hipóteses definidas a priori ou descobrir problemas relevantes e hipóteses no decorrer da pesquisa. No caso desta pesquisa julgou-se que não se sabia previamente o suficiente sobre o problema e que o campo traria questões.

Quando partiu-se para as entrevistas grupais dedicava-se sempre um tempo objetivando o entrosamento grupal. Conversava-se sobre os últimos acontecimentos na unidade, sobre a indicação de novos participantes para o grupo, sobre as cartas recebidas e enviadas na semana, e a pesquisadora tirava dúvidas sobre a leitura das primeiras cartas femininas emprestadas por eles. A partir das dúvidas surgidas em cada carta tentava-se ampliar a discussão de cada um destes pontos para o todo grupo. Apesar das entrevistas individuais terem sido importantes priorizou-se as entrevistas grupais pois considerou-se que

estas proporcionariam informações mais úteis aos objetivos da pesquisa pelos confrontos de opiniões que surgiriam.

A composição dos grupos manteve uma média de oito participantes por reunião, sendo que cinco deles eram presenças fixas e os outros alternavam-se, alguns tendo participado muitas vezes e outros apenas uma vez. A condição para participar era ter se correspondido ou estar se correspondendo com mulheres a partir de anúncio sentimental. Havia os que sem nunca terem se correspondido, queriam participar mas não foi permitido. Provavelmente sua presença teria enriquecido o grupo, porém privilegiou-se a unidade de um grupo, que ao menos tinha aquela experiência em comum.

Ao final dos encontros grupais, reservou-se dois dias para entrevistas individuais com todos os que haviam participado dos grupos com a expectativa de que surgisse algum novo material. Surgiram dados de suas histórias de vida e intrigas sobre os que teriam fugido com a verdade nos grupos ou seja, todos menos o próprio que estava sendo entrevistado naquele momento.

A pesquisa utilizou-se de duas estratégias metodológicas diversas, uma vez que ocorreram dois momentos de análise. No primeiro, o contato com os presos na pesquisa no campo, objetivando conhecer mais sobre a carta na rotina prisional e seu significado para os presos. No segundo momento, a análise do conteúdo das cartas, visando conhecer as mulheres envolvidas.

Cabe assinalar que a totalidade das cartas pesquisadas foi escrita em período imediatamente anterior à pesquisa. Mesmo que as mulheres viessem a saber da existência da pesquisa, não ocorreria interferência no material pois as cartas utilizadas eram anteriores a este possível conhecimento, ou seja, os dados estavam disponíveis na realidade independentemente da pesquisa.

O gravador foi utilizado apenas uma vez em três entrevistas individuais. Logo tomou-se conhecimento de que era proibida a entrada de gravador e também foi observado que alguns dos informantes ficaram muito inibidos e desconfiados. Além disto nas entrevistas grupais seria inviável sua utilização. Optou-se por anotar alguns dados chave durante as entrevistas e após cada dia de trabalho, registrá-las com mais detalhes.

5.3 - Análise de conteúdo

Utilizou-se a análise de conteúdo, definida por Bardin como um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência³⁰ de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (Bardin 1977). Os saberes deduzidos podem ser de natureza psicológica, sociológica, histórica, econômica.

Justifica-se a utilização da análise de conteúdo quando se quer saber mais sobre um texto. Este “saber mais” consiste em obter mais informações sobre o emissor, permitindo que possamos julgar se aquilo que vemos na mensagem está realmente lá, se esta visão pode ser partilhada por outros, sendo então válida e generalizável. Para Moscovici e Henry citados por Bardin, toda análise de conteúdo visa a determinação mais ou menos parcial das condições de produção dos textos que são seu objeto. No caso das cartas, as condições de produção referem-se à variáveis sociológicas e culturais e variáveis relativas à situação de comunicação.

A análise bibliográfica indicou alguns tipos de estudos com o material constituído por cartas, porém as metodologias utilizadas nestes exemplos não podem ser mecanicamente aplicadas nesta pesquisa pois de acordo com o tipo de fala e o tipo de interpretação que se pretende, um jogo específico de operações analíticas deve ser criado.

No caso desta pesquisa fez-se uma análise temática do texto das cartas femininas. O tratamento do conteúdo das cartas levou a inferências sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio. A unidade de registro foi a palavra e, em algumas temáticas, a frase.

Inicialmente procedeu-se a uma leitura (denominada por Bardin de flutuante) que consistiu no estabelecimento de contato com as cartas a analisar e no conhecimento do texto, deixando-se invadir por impressões. A primeira escolha dos documentos não foi decisão da pesquisadora, uma vez que os presos emprestaram para a leitura as cartas que eles quiseram. Foi observado que a maioria de suas escolhas obedeceu ao critério de não estarem mais relacionando-se com aquelas correspondentes. Uma vez o universo demarcado, isto é, as

³⁰ Definição citada por Bardin: operação lógica pela qual se admite uma proposição em virtude de sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras

cartas de mulheres recebidas pelos presos, é necessário proceder-se à constituição de um *corpus*, definido por Bardin como “o conjunto dos documentos a serem submetidos aos procedimentos analíticos” (*op. cit.*, p.96).

De 338 cartas, procedeu-se à leitura livre inicial de cinquenta cartas. Posteriormente foi escolhida uma amostra com 29 cartas de dez mulheres dirigidas a dois homens³¹. O acompanhamento do início e desenrolar de uma série de cartas da mesma mulher permite uma visão mais abrangente deste tipo de relação. O número reduzido de homens comparado ao número de mulheres constituiu uma preocupação, não pela simples disparidade mas pelo que implicaria o estilo de apenas dois homens na produção de respostas femininas, porém a leitura sistemática das primeiras cartas dissipou esta preocupação.

Observou-se na sequência de cartas de mulheres diferentes que escreviam para o mesmo homem a progressiva diferenciação do conteúdo de suas cartas ao longo da correspondência, resultado do estilo de cada uma delas. Comparando-se o relacionamento destas cartas a relacionamentos de um mesmo homem com várias mulheres ao longo da vida, sem dúvida serão encontradas repetições mas também elementos novos produzidos por cada novo arranjo relacional. Tanto os elementos que se repetem quanto os novos são importantes na pesquisa. Também foi constatado que as repetições deviam-se muito mais a estruturas básicas nos relacionamentos do que ao fato de serem apenas dois homens recebendo cartas. Aliás, em função destas repetições foi possível estabelecer categorias e estudar o assunto. O período compreendido pela amostragem inicial foram cartas escritas de abril de 1994 até abril de 1995. Inserida no objetivo maior de analisar em que moldes se dá o relacionamento através de cartas de mulheres e presos e que condições o possibilitam está a verificação de que o crime cometido, a condição estigmatizada do homem é um dado pouco considerado por estas mulheres, estando o “sonho do grande amor” em primeiro lugar nas suas preocupações.

³¹ A quantidade de 29 cartas resultou da aplicação dos seguintes critérios: maior número de mulheres diferentes das quais se tivesse acesso a uma sequência grande de cartas (tanto em termos do número de cartas quanto abrangendo um período significativo de tempo) e também o fato de que, após a leitura de aproximadamente 20 cartas, nenhuma nova temática tornou-se significativa. Dados interessantes e novos surgiam, porém peculiares ao estilo de cada uma, não acrescentando temas.

A partir do referencial teórico que delimitou o contexto no qual tais cartas estão inseridas estabeleceram-se os seguintes pressupostos de trabalho:

1. A carta facilita a relação da mulher que não tem ligações com o crime com um homem criminoso.
2. O forte estigma que o criminoso carrega é diluído quando uma relação de proximidade se estabelece..
3. As mulheres buscam nas cartas o mesmo tipo de estrutura consoladora e de evasão que encontram nas matérias da chamada imprensa feminina..
4. A religião desempenha um papel de mediação neste tipo de relacionamento.

De acordo com estes supostos foram escolhidos os temas (unidades de contexto) predominantes nas cartas, partindo-se do princípio de que cada tema possui tanto mais importância para o remetente quanto mais frequentemente é repetido. Para cada um destes temas foram pré-selecionados uma série de palavras ou expressões pertinentes, denominadas indicadores, e a codificação deu-se sobre suas frequências. A partir desta seleção de indicadores partiu-se para a leitura de 115 cartas escolhidas segundo o critério de ser abrangido o maior número de mulheres diferentes.

Observou-se que alguns temas que haviam sido estabelecidos quase não possuíam palavras ou expressões que lhes fossem específicas e que poderiam ser enquadrados em uma outra temática, às vezes mais abrangente.

Inicialmente havia uma temática denominada “relacionamento idealizado” porém observou-se que sempre que este assunto surgia estava referido e relacionado como o tema “homem idealizado x homem errado”, portanto englobou-se o relacionamento, tornando-o um sub-item.

O “Tempo” havia sido subdividido em “tempo presente” e “tempo futuro”. Considerou-se que o tempo na prisão reveste-se de características particulares, tempo de duração da pena, tempo de espera para liberdade, bem como o tempo das cartas, de suas respostas. Mas o tempo presente pouco apareceu sendo suplantado pelas menções ao futuro, ansiosamente aguardado.

A temática “preconceito, discriminação” está sem dúvida associada à temática

“Prisões”, daí ela ter sido incluída nesta última. A princípio decidiu-se mantê-la separada porque o fato de ser discriminado ou o ato de discriminar e ser ou tornar alguém alvo de preconceitos transcendia à questão prisional, uma vez que as mulheres também temiam ser rejeitadas por sua aparência física ou pelo fato de já não serem tão jovens. No entanto, observou-se que todos os indicadores selecionados poderiam ser incluídos na temática “Prisões”, nenhum deles abordando a questão feminina.

Havia uma temática denominada “Cíume, fidelidade, abandono” e verificou-se que deveria ser enquadrada no “Discurso amoroso”. Já a temática “Verdade, sinceridade x mentira, falsidade”, invariavelmente associada ao “Discurso amoroso” manteve-se como temática separada em função de sua extrema importância e frequência, merecendo uma reflexão própria.

As menções à saúde e saudade inicialmente compunham temáticas próprias mas não justificou-se mantê-las porque sempre apareciam em contexto de demonstrações de cuidado, de afeto e amor.

As descrições do cotidiano feminino inicialmente compuseram uma categoria dada a importância que este assunto ocupou em termos quantitativos no material das cartas. As mulheres contam nas cartas detalhes ínfimos de seu cotidiano e esse tipo de texto lembra os diários de adolescentes ou um monólogo. Além desta função de repassar a própria vida, o relato de tantos detalhes tem o objetivo de tornar a relação mais próxima, como se não houvesse a distância e os muros da prisão entre eles. Há também um elemento de sedução e afeto quando propõem que o homem compartilhe de seu cotidiano. Foi importante conhecer acerca deste cotidiano mas não havia necessidade de desmembrar estes trechos para uma melhor visualização do assunto.

A palavra medo antes intitulava uma temática que englobava os medos ligados à decepção amorosa e os medos em relação ao crime ou criminosos. Como estes últimos aparentavam ser menos importantes que os medos amorosos, eles passaram a fazer parte da temática “Prisões”, e aqueles associados ao amor, do “Discurso amoroso”.

A carta enquanto tema será considerada categoria, porém aspectos externos ou estruturais da carta, além do seu texto, tais como formas de subscrever o envelope, formas de tratamento, cabeçalho e conteúdos extra são aspectos importantes mas serão abordados de outra forma. Não foram transformados em categoria por não constituírem conteúdo das

cartas.

A idéia de liberdade é encontrada em dois contextos diferentes: quando está ligada aos assuntos de prisão, condenação e quando refere-se a um estado de vida, promovido pela religião, liberdade do espírito com relação a certos valores e bens materiais. No primeiro caso enquadra-se na categoria prisão e no segundo caso na categoria frases de sabedoria ou discurso religioso.

Como os exemplos demonstraram, muitos temas enquadravam-se em outros mais abrangentes não se justificando sua manutenção em separado, alterando-se o que havia sido definido anteriormente a partir do referencial teórico. Este processo denomina-se categorização, que poderia ser resumidamente definido como a passagem de dados brutos a dados organizados. A organização por temas já implicou um trabalho sobre os dados brutos porém a categorização acrescentou novo trabalho sobre os dados.

A leitura prévia das cinquenta primeiras cartas possibilitou que se traçasse uma primeira lista de temas e a segunda leitura, das vinte e nove escolhidas, reduziu os temas, agora chamados de categorias, só a partir daí os indicadores foram determinados. As etapas da análise são:

- Definição do material
- Preparo do material
- Leitura das cartas escolhidas
- Seleção das temáticas mais frequentes
- Definição das categorias
- Leitura das cartas restantes
- Seleção dos indicadores
- Análise qualitativa dos resultados

Após a leitura das cartas escolhidas decidiu-se listar as seguintes categorias.

- 1 Homem e relacionamento idealizados
- 2 Desabafos, confidências e trocas
- 3 Sexualidade
- 4 Mulher ideal
- 5 Prisão, crime
- 6 Tempo
- 7 Discurso religioso
- 8 Amizade
- 9 Descrição física
- 10 Descrição em geral
- 11 Carta
- 12 Sonho
- 13 Verdade, sinceridade x Mentira, falsidade
- 14 Discurso amoroso
- 15 Trabalho
- 16 Família
- 17 Carência, Solidão
- 18 Frases de sabedoria

Cabe falar um pouco a respeito de cada uma destas categorias, justificando o porquê delas terem se diferenciado do texto total (das cartas) formando os grupos enumerados acima. Algumas delas foram formuladas a partir do referencial teórico e corroboradas pelo texto das cartas. Outras, entretanto, surgiram após a leitura das cartas. Optou-se por desmembrá-las em palavras ou expressões, em primeiro lugar para termos uma idéia mais precisa de quais temáticas apareciam mais e considerou-se que as que somaram um maior número de palavras ou expressões foram as mais relevantes. Em segundo lugar, através das palavras constata-se que cada categoria pode ser interpretada em mais de um aspecto e cada grupo de palavras permite que a análise encaminhe-se em uma ou outra direção.

No caso das categorias formuladas a partir do referencial teórico cabia então verificar as palavras e expressões associadas àquela categoria no sentido de estabelecer se o caminho indicado pelas leituras prévias seria confirmado pelo texto das cartas. No caso do capítulo sobre imprensa feminina, partiu-se do pressuposto que as mulheres costumavam ler as revistas nas quais havia colunas de correio sentimental e onde elas publicavam seus anúncios. Estas publicações possuem matérias recorrentes e formulou-se a hipótese sobre a influência

das leituras efetuadas pelas mulheres na constituição de uma imagem de mulher, de um tipo de homem e de um relacionamento idealizado.

Havia outras categorias que só se constituíram enquanto tal a partir da leitura das cartas. Por exemplo, a categoria “Cartas” e a de “Frases de sabedoria”. O hábito de escrever e falar sobre assuntos considerados significativos através de máximas, pensamentos (frases de sabedoria) e do que estas máximas tratavam seriam pontos a ser considerados.

No anexo 2 estarão listados os indicadores encontrados em cada categoria.

1 - Homem e relacionamento idealizados: Percebe-se que as mulheres desde a publicação do anúncio manifestam o que esperam de um homem e de um relacionamento. As revistas femininas trazem matérias sobre bons relacionamentos, o que deve ser feito para tornar um relacionamento satisfatório e prazeroso e como reconhecer e evitar a vivência de um relacionamento doentio. Nesta categoria estarão englobadas todas as palavras e expressões que esclareçam mais sobre este homem perfeito e sobre o homem errado, bem como sobre o relacionamento com cada um deles.

2 - Desabafos, confidências e trocas: Quando uma correspondência se inicia, invariavelmente propõe-se um pacto de ajuda mútua. As mulheres fazem questão de mostrar que necessitam de apoio tanto quanto os homens. De fato, necessitam de ajuda e serem escutadas, mas mostrarem-se como mulheres frágeis faz parte de uma estratégia de sedução na qual a mulher coloca o homem como o pólo forte da relação, como aquele que ajudará alguém necessitado ou desamparado. Por outro lado, mostram-se fortes e dispostas a ajudá-los em tudo o que for preciso. Enfatiza-se portanto a idéia de que o relacionamento funda-se sobre a idéia da troca e será alimentado por outras que ainda estão por vir.

3 - Sexualidade: É extremamente frequente, aparecendo isoladamente ou entremeada ao discurso amoroso, de forma explícita ou encoberta. Por exemplo, percebe-se alusões veladas ao sexual quando fala-se de comidas fantásticas que serão preparadas para o deleite destes homens após a liberdade.

4 - Mulher ideal: Tem esse nome uma vez que nela reuniram-se os predicados com os quais as mulheres se apresentaram aos homens. Supondo as expectativas sexuais masculinas mostram-se como mulheres desejantes e desejáveis, com a precaução de não parecerem vulgares. Há referências ao lar, mostrando-se como boas cozinheiras, donas de casa econômicas, boas mães. Mostram-se como trabalhadoras incansáveis seja no lar ou em empregos fora de casa. Acima de tudo, uma companheira com quem o homem poderá contar em todos os momentos difíceis.

5 - Prisão, crime: Reuniu-se todas as referências ao crime, à prisão, à rotina prisional.

6 - Tempo: As referências ao tempo são uma constante, seja o tempo que falta para o homem sair da prisão, o tempo que a carta demorou ou o tempo que falta para o dia da visita. Há referências ao tempo futuro quando os planos se concretizarão. Outra referência constante é a hora que a carta está sendo escrita servindo para dar a idéia de que um compartilha da vida do outro em todos os momentos do dia.

7 - Discurso religioso: Reúne todas as referências a Deus e demonstrações de fé e crença. Deus é invocado para perdoar os criminosos e o crime, para incutir esperança no homem, para ajudá-lo a se transformar, para que não se sinta só, desamparado e, principalmente, como intermediário do relacionamento.

8 - Amizade: As referências à amizade costumam encobrir o interesse amoroso e erótico. Dando-se o nome de amizade à relação que começa, ganha-se tempo para um conhecimento maior e facilita-se os momentos de recuo. A mulher invoca também a amizade como escudo protetor, mostrando-se recatadamente. Muitas cartas realmente atêm-se ao clima de amizade ao qual se propuseram inicialmente. O correspondente, nestes casos, é um diário vivo. A amizade é exaltada ainda como sentimento perene e imune às decepções.

9 - Descrição física: As descrições físicas foram consideradas uma categoria à parte devido a sua presença em quase todas as cartas, na maioria das vezes em um contexto de início. Uma descrição física favorável e que vá de encontro aos interesses do outro propicia o desencadear ou a interrupção da correspondência. A menção à idade e cor de pele são muito significativos porque ilustram aspectos da sociedade brasileira no que tange a racismo e formas de encarar a juventude e envelhecimento. Este é um elemento fundamental para o fantasiar.

10 - Descrição em geral: Descrição de si enfocando preferências, qualidades, defeitos, signo zodiacal, estado civil, número de filhos, número de irmãos, profissão, grau de escolaridade, todas as características que possibilitam conhecimento, excetuando as características englobadas na “Descrição física”.

11 - Carta: A carta como mais um assunto trocado entre os correspondentes, seja quando enaltecem esta forma de relacionar-se, quando falam da alegria ao recebê-la ou reclamam da ausência de resposta.

12 - Sonho: Um dos sentidos fornecidos para a palavra sonho pelo **Novo Dicionário Aurélio** é o que nos interessa: ‘Sequência de pensamento, de idéias vagas, mais ou menos agradáveis, mais ou menos incoerentes, às quais o espírito se entrega em estado de vigília, geralmente para fugir à realidade, devaneio, fantasia.’

13 - Verdade, sinceridade x Mentira, falsidade: A sinceridade é mencionada como qualidade suprema, desculpa-se qualquer coisa menos a mentira e a falsidade.

14 - Discurso amoroso: O discurso amoroso é a categoria onde esperava-se encontrar a maior quantidade de referências. Tudo o que diz respeito ao amor, incluindo falas sobre ciúmes, fidelidade, medo de abandono.

15 - Trabalho: As referências ao trabalho parecem opor-se àquelas da vida criminal. A condição de trabalhador como oposta à de criminoso, como é frequente encontrar-se na fala dos presos e nos trabalhos que reproduzem o pensamento de criminosos. O trabalho como valor ligado ao esforço pessoal, como elemento de união do futuro casal na reconstrução de uma nova vida.

16 - Família: Menções ao ideal da família feliz, à família que apóia em qualquer circunstância e à família que o casal correspondente poderá vir a formar.

17 - Carência, solidão: Menções à carência e solidão, os principais motivadores da correspondência.

18 - Frases de sabedoria: As chamadas frases de sabedoria, pensamentos e máximas tão utilizadas pelas mulheres.

6 - Análise dos resultados

Procedeu-se à análise de resultados a partir da observação da frequência alcançada por cada um dos indicadores que foram listados em cada categoria, e do que tratava cada um destes indicadores. Muitas vezes uma categoria englobava uma série de aspectos de um mesmo tema, e os indicadores facilitaram o processo de análise destes diversos aspectos.

Nesta análise não será seguida a ordem das categorias estabelecida no capítulo anterior. Aquela listagem seguiu o roteiro próprio da análise de conteúdo, quando o texto das cartas imprimiu uma direção. Nesta etapa, os próprios resultados da análise e as respectivas inferências obtidas acerca das condições de produção e dos emissores das cartas estabeleceram uma outra sequência. As categorias estarão articuladas nos seguintes grupos:

Grupo 1 : Carência, solidão, Descrição física, Descrição geral, Mulher ideal, Sexualidade, Família.

Grupo 2 : Homem e relacionamento idealizados, Sonho, Discurso amoroso, Verdade, sinceridade x Mentira, falsidade, Trabalho

Grupo 3 : Prisão, Tempo, Carta, Frases de sabedoria,

Grupo 4 : Desabafos, confidências e trocas, Amizade, Discurso religioso.

Na análise que se segue serão apresentados recortes de cartas exemplificando a categoria que estiver sendo analisada. Para dar destaque nestes textos eles virão sempre entre aspas e grafados em itálico. Não houve necessidade de relacionar os trechos selecionados à mulher que os escreveu, uma vez que não se acompanhou a história de cada uma delas; os trechos relacionam-se, portanto, ao indicador ou indicadores que o situaram em determinada categoria.

6.1 - Grupo 1

Convém começar pelo que seria o motivo básico da correspondência. Pode-se afirmar que há consenso de que a solidão e algum grau de dificuldade de conseguir companheiro leva pessoas a procurá-los através de anúncios de revista ou em programas de rádio³². Como já foi mencionado anteriormente, no capítulo 4.2 **A carta no contexto prisional**, os presos apontam a carência e a solidão como os grandes motivadores da correspondência feminina.

Nas cartas, as mulheres raramente se descrevem como carentes ou solitárias preferindo enfatizar as decepções com relacionamentos anteriores e a esperança de encontrar alguém que atenda as suas expectativas. Se uma mulher admite que está carente, esta afirmação não produz a mesma impressão social de quando é proferida por um homem. As mulheres tendem a se aproximar de um homem que se diz carente, candidatando-se a suprir esta carência, porém quando a mulher faz o mesmo, passa a sofrer do estigma que acompanha a mulher solteirona. A idéia predominante é “está só porque ninguém a quis” e este dado obviamente a desvaloriza. “Ficar para tia”, “cair no barricão” são expressões corriqueiras citadas por Azevedo (1986) para descrever a mulher que não se casou.

Este fator possivelmente explica a baixa frequência deste indicador no texto das cartas femininas. Observa-se no entanto que a carência e solidão masculinas são enfatizadas nas cartas femininas através de suas constantes afirmativas de que ele não está só porque ela e Deus estão com ele. Os homens presos possuem amplo conhecimento deste elemento de sedução e sempre insistem nesta característica quando anunciam seus propósitos de se corresponder. Quanto mais solitário afirma ser, e aí não só no sentido amoroso mas também quando não recebe visitas na prisão, mais recebe cartas. Na pesquisa de campo foi entrevistado um preso, que além de se dizer solteiro e solitário, tirava partido de sua aparência, dizendo-se português e sem ninguém no Brasil. Todas as suas correspondentes demonstravam estar sensibilizadas pelo fato dele estar sozinho e preso em um país distante. Ser um estrangeiro português angaria simpatia também por outras razões. Para o brasileiro, o estrangeiro possui um encanto natural e, além disso, os portugueses têm fama de trabalhadores esforçados.

³² A dissertação de mestrado de Lúcia Helena de Freitas Pinho França parte da premissa de que pessoas de uma certa faixa etária buscando companhia através de veículos de comunicação certamente são exemplos de situações limite na qual a solidão e abandono desempenham papéis preponderantes.

Os homens, ao enfatizarem sua carência de relacionamentos, deixam em segundo plano a carência material em que se encontram. Deixar em segundo plano não significa que não mencionem os bens que necessitam à medida que a relação se estreita. As mulheres também percebem por elas mesmas a situação de carência de seus correspondentes mas evitam falar disso claramente para não humilhá-los. Esta possibilidade de relacionar-se com um homem que depende muito delas certamente constitui um atrativo importante neste tipo de relação.

O contato através das cartas segue regras semelhantes às do namoro comum. A fase preliminar permite ao casal a verificação dos seus atributos físicos, morais, gostos e das intenções de cada um perante o relacionamento.

Constata-se que a forma como as mulheres se descrevem na correspondência é o início da relação e um dos ingredientes do jogo amoroso. Em uma amostragem de 115 cartas de 53 mulheres diferentes, 34 mencionaram a idade e dentre estas predominaram as mulheres de trinta a cinquenta anos. Com menos de trinta a frequência diminui. A maior parte delas está solitária à época da correspondência mas já teve relacionamentos conjugais duradouros anteriormente.

Ao se descreverem, além da idade mencionam peso, altura, cor da pele, dos olhos e cabelos e o signo zodiacal. Quando julgam que algum destes pontos não irá agradar, fazem algum comentário justificando-se: *“Tenho 1,71 m de altura, olhos e cabelos castanhos, pele morena e 57 quilos, um pouco magra para meu peso mas já fiz várias coisas para engordar e não consigo”*. As fotos são pedidas e enviadas no início com o intuito de verificar se a aparência do outro agrada e, a partir daí, continuar ou não com a correspondência.

Costumam mencionar suas predileções. O gosto pela música, o amor pela natureza e a vontade de fazer novas amizades são os mais citados. Afirmam ser carinhosas, românticas e sinceras.

Mostram-se como mulheres com quem vale a pena iniciar um relacionamento e cultivá-lo até o casamento. As palavras e atributos com os quais se apresentam revelam não apenas o que elas julgam valorizável mas o que supõem que os homens valorizam. Inicialmente existe o cuidado de não parecer oferecida, que cede fácil e rapidamente; a moça séria deve ser cautelosa e comedida, não precipitando a aproximação. São frequentes afirmações tais como: *“não costumo sair a noite”*, *“não coloco homem em casa”*, *“sou*

discreta”, “*não sou mulher de aventuras nem sou mulher de andar passando de mão em mão*”, “*não me misturo com turmas*”. O trecho a seguir também é muito elucidativo: “*Aproveitei o feriadão de Carnaval para descansar um pouco, nem eu nem as crianças gostamos de Carnaval. Nestes dias de feriadão aproveito para fazer uma comidinha diferente, colocar a casa em ordem*”.

Apesar de a maior parte destas mulheres ser mais velha, muitas com filhos adultos e já avós, persiste ainda a preocupação de mostrar-se uma mulher recatada, cuidando para que o homem não interprete erroneamente sua tentativa “ousada e arriscada” de procurar companheiro. A busca de companheiro através de anúncios pode tanto ser interpretada da forma acima mencionada como pelo oposto, como uma forma de resguardar-se através da distância.

Estas afirmações do que as mulheres não são e não fazem, já deixam claro quais comportamentos elas apresentam e valorizam. Os aspectos valorizados e positivos referem-se à casa e os desvalorizados e negativos referem-se à rua no sentido considerado por Da Matta. Para ele a oposição entre casa e rua é básica na sociedade brasileira. A categoria rua “indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que a casa remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares” (1979, p.70). Muitas vezes a imagem da casa confunde-se com a imagem da própria mulher, o espaço da casa constituindo aspectos do feminino e vice-versa, porém não qualquer feminino e sim o da mulher de casa, da esposa. A prostituta ou mulheres que por um comportamento mais livre distanciem-se do padrão esposa, pertencem ao mundo da rua.

As mulheres destas cartas costumam enaltecer seus atributos de mulher do lar e as características aconchegantes da casa com o intuito de seduzir o preso para este universo. Dentro da “casa” ele será útil, estará protegido dos perigos da rua e será muito bem tratado. “*Eu te acordarei pela manhã com muito carinho e um bom cafezinho na cama*”. “*Posso te garantir uma recepção com muito calor humano, luxo tu não vais encontrar, mas o indispensável para se sentir bem*”.

Ao oferecer sua casa ao homem, a mulher está convidando-o a frequentar o espaço de maior intimidade e menor distância social, onde os parentes e amigos compartilham a vida. Da Matta (1979) afirma que o traço distintivo do domínio da casa é o maior controle das relações sociais. Neste espaço onde a mulher é soberana o homem será o convidado de honra

e ela estará feliz por poder agradar o homem que está há tanto tempo afastado do convívio doméstico.

O mundo da casa é também o mundo da cozinha e das comidas caseiras. Muitas mulheres comentam sobre a elaboração de pratos e prometem repeti-los quando chegar a ocasião do encontro. Perguntam o que eles mais gostam de comer para que elas possam já aprender as receitas.

A comida vale tanto para indicar uma operação universal (o ato de alimentar-se) quanto para definir e marcar identidades pessoais e grupais. É ato de amor familiar e conjugal servir o pai, o irmão, a mulher e os filhos e até mesmo visitantes esporádicos, levando em conta o modo como gostam de comer os ovos, o bife, o arroz, a salada e o feijão (Da Matta, 1993, p. 57-58).

Um dos típicos atributos positivos da boa mulher do lar, além do capricho com a casa, é ser econômica, comedida. A mulher esbanjadora é sempre criticada seja no que refere-se ao preparo das comidas e à utilização de material de limpeza e ao manejo com o dinheiro em geral.

A mulher companheira, aquela que ajuda o homem a vencer também está presente. *“Eu lhe garanto que se Deus todo poderoso vier a nos unir, pode ter certeza de que se você for à luta eu lutarei junto de você e em muito pouco tempo você terá o dobro do que perdeu”*.

Das expressões que contextualizam a categoria mulher ideal seguindo esta linha de características da mulher do lar, a mulher provedora, dadivosa é a que mais sobressai. Os trechos que confirmam a mulher neste papel, e aí não só como aquela que alimenta objetivamente, são inúmeros. *“Minha vontade era cuidar de você muito bem mesmo”, “E pára com essa mania de não me avisar quando as coisas estão acabando, porque se você me avisar sempre, eu posso ir comprando aos poucos”, “Se você precisar de alguma coisa e eu pude ajudar me escreva e então lhe mandarei. Você tem gravador na cela, pode ouvir música?”, “Amor, estou lhe mandando um T pois não sei como é as tomadas aí. Vai pastilhas pra garganta, remédios pra dor de cabeça e alguns saquinhos de chá preto, é só ferver água com açúcar e por o saquinho num copo e depois tomar”*.

A mulher costuma ser definida como esposa, mãe e filha, sendo sempre algo para alguém. “O espírito de sacrifício, generosidade são construídos como qualidades do feminino. Sua condição de sujeito tem, pois, a peculiaridade de criá-las pela heteronomia, pois o que são o são pelos outros” (Chauí, 1985, p.48). Esta autora acredita que uma das características mais dramáticas da heteronomia, (substituto imaginário e ideológico da autonomia) é o sentimento ilusório da liberdade. Por serem definidas para os outros, sua identidade é construída a partir daquilo que fazem para os outros e dependem para existir de que esses outros as reconheçam desta forma. A figura da mãe, ser do qual os outros dependem, traz para a mulher um sentimento de domínio sobre os dependentes, domínio desejado e que precisa ser reconhecido.

A situação do homem preso configura-se como a situação perfeita para a mulher exercer o papel em questão. A falta de autonomia vivida pelo preso é incomensurável e a mulher pode ajudá-lo, desde o envio de selos para que ele possa responder as cartas, roupas, remédios, comida defumada, doces em conserva, até a compra de eletro-domésticos. Podem também resolver problemas na rua, tais como questões pendentes com a Justiça, procura de advogados. Como se vê, formas de ajudá-lo não faltam.

A associação entre comida e sexo é patente, tanto que se utiliza o termo “comer” para designar o ato sexual, em geral dizendo-se que o “homem comeu a mulher”. O exemplo a seguir deixa esta associação implícita : *“Falávamos sobre cozinhar eu perguntei a ela o que vocês portugueses gostam de comer. Ela me disse que os portugueses gostam de comer bem. Eu disse a ela que mal sei cozinhar ovos e fazer café. Sabe o que me disse ? Trate de aprender, nós não queremos o E. passando mal com o que sabe fazer. Mas você me ensina não é paixão? Também não sou tão mal de cozinha assim não é ?”*

A expressão “passar bem” e seu oposto “passar mal” e “comer bem” e “comer mal” tanto referem-se à comida quanto à vida sexual. Também pode ser percebida a necessidade de não parecer muito experiente sexualmente. Aquelas que possuem experiência sexual anterior revelam nunca ter experimentado antes tal ardor, tanto em consequência das palavras masculinas nas cartas quanto referindo-se a encontros sexuais que de fato ocorreram em visitas na prisão. *“Só agora, aprendi o que é sexo”*. Há também as que declaram-se virgens ou com pouca experiência sexual e pedem paciência e compreensão do amado. Faz parte do jogo amoroso-sexual a mulher valorizar o parceiro, colocando-o no lugar do grande iniciador,

aquele que finalmente conseguiu despertar “a bela adormecida”.

Observa-se a maior frequência nas cartas às quais tivemos acesso, de parceiros que nunca se encontraram e o texto da carta funciona como um substituto da relação sexual. As cartas descrevem situações eróticas as mais variadas e o necessário recurso à imaginação é extremamente bem aproveitado.

A despeito das ousadias eróticas que se permitem, dificilmente admite-se o desejo de aventura pura e simples. Para ser validado o binômio sexo-amor deve objetivar o casamento ou união similar.

Um dos mais almejados objetivos nestes relacionamentos, pelo menos no que é expresso nas cartas é a constituição de uma família perfeita e feliz. Esperam encontrar no preso o companheiro ideal. “*Seja para meus filhos o pai que eles nunca tiveram*”. Contando com a concretização deste sonho, falam de seus próprios filhos como se fossem filhos deste novo casal. O homem é inserido em todas as relações de parentesco possíveis, “*seus filhos*”, “*seu cunhado*”, “*sua sogra*”, “*seus sobrinhos*” são expressões frequentes quando um grau de intimidade já se estabeleceu na carta mesmo que eles nunca tenham se visto.

Antes de institucionalizar o homem neste papel, contam em detalhes todos os problemas familiares enfrentados, tornando-o familiarizado com o papel que lhe será conferido logo depois. Os homens aceitam de bom grado estas designações, escrevendo cartas para filhas moças da pretendente, pedindo sua aprovação para o relacionamento ou quando se trata de filhos pequenos mandam mensagens brincalhonas dirigidas especialmente a eles e dão reprimendas e conselhos como um pai zeloso e atuante. Como diz Azevedo: “o namoro ensaia e por vezes enceta um parentesco efetivo transitório que pode firmar-se definitivamente pelo noivado” (1986, p. 47).

Em decorrência dos predicados negativos do rapaz poder-se-ia supor que este relacionamento seria escondido da família ou pelo menos a condição de presidiário do rapaz. É possível que isto tenha ocorrido em alguns casos, mas os exemplos citados anteriormente revelam situações das quais os familiares não apenas têm conhecimento, como aprovam, participando efetivamente do relacionamento.

Acontece frequentemente de as mulheres incluírem amigas ou parentes no relacionamento por cartas. Estas outras pessoas desempenham o papel de testemunhas, cúmplices dos encontros amorosos. Envia panfletos com máximas, bíblias, cartas com

conselhos e advertências ou simplesmente abençoam a relação.

No namoro tradicional é comum a mediação de amigas ou conhecidas do casal, mais frequentemente da mulher, empenhando-se em facilitar a comunicação, interpretar os sentimentos e os propósitos de um e outro namorado, quebrar resistências e suspeitas e acobertar os encontros.

Apesar de as mulheres da pesquisa viverem em época menos tradicional e em suas próprias vidas já terem ultrapassado as barreiras habitualmente impostas aos namoros tradicionais ou aos primeiros namoros da juventude, a presença de outras pessoas continua tendo importante função. Poder compartilhar a relação com terceiros proporciona concretude à relação, confere existência social a um relacionamento por vezes só conhecido pelo próprio casal.

Existe uma idéia compartilhada tanto pelos homens presos quanto pelas mulheres com quem se correspondem de que o apoio da família manteria o ex-presos afastado das tentações do mundo da rua. A valorização da vida em família talvez tenha significações outras além dos projetos individuais de cada homem ou mulher. Ao núcleo familiar atribui-se o poder de uma boa socialização de seus filhos e a família desestruturada recebe a acusação de gerar criminosos.

Concomitante e conseqüente a esta idéia está a crença de que, se o casal de correspondentes conseguir se estabelecer como uma família feliz, com a bênção divina, dificilmente este homem voltará a delinquir. Esta crença onipotente na família não permeia apenas os pensamentos de homens e mulheres individualmente. Todo o trabalho da APAC (Associação de Proteção e Assistência ao Condenado), organização religiosa católica voluntária com atuação basicamente nas prisões paulistas, tem na família o valor central de sua proposta terapêutica. Chegam ao extremo de propor que o trabalho com cada preso se dê a partir de casais de voluntários, que desempenharão o papel de pais substitutos³³. A filosofia da APAC pode ser resumida no seguinte lema: "Matar o criminoso e salvar o homem. Desprezar o erro e amar os que erram".

Da mesma forma que a família é considerada o baluarte da virtude, na fala dos criminosos as mulheres aparecem como a última ligação com a moralidade. Estas últimas são ao mesmo tempo figura de proteção e autoridade. São elas que demovem os homens de

³³ O livro de Maria Soares de Camargo **Terapia penal e sociedade** analisa criticamente a atuação da APAC.

continuar na vida do crime. Colocar a mulher neste papel, como bem percebeu Zaluar (1994), faz parte do discurso moral e sentimental do preso sempre alegando que para não mais trazer sofrimentos à mulher-mãe abandonariam a vida do crime.

6.2 -Grupo 2

O homem idealizado é personificado no homem para quem as mulheres escrevem. Ele englobaria todas as qualidades que se espera encontrar em um companheiro e diferencia-se de todos aqueles com quem elas já se relacionaram no passado. O traçado de seu perfil é dado a partir de comparações e oposições. A expectativa de que este homem seja o oposto de tudo que já foi experimentado de negativo aparece misturada a desconfianças e medos, em geral encobertos por certezas proporcionadas pela fé em Deus.

O homem errado é síntese de todos que elas já conheceram com seus defeitos recorrentes. O ditado: “todos os homens são iguais” é contraposto à expectativa de que exista um homem diferente: *“Me desculpe por não confiar nos homens! Talvez você seja diferente de todos os outros que já conheci, talvez Deus tenha te colocado no meu caminho para me mostrar que ainda existem homens em quem se pode confiar! Talvez nem tudo esteja perdido como eu penso!”*, *“Minha esperança era que você seja um homem digno da minha confiança, não acabe em alguma decepção”*.

Observou-se que nos indicadores selecionados nesta categoria a maior parte referia-se a atributos negativos e os poucos atributos positivos são vagos: *“homem diferente”*, *“homem escolhido por Deus”*. Isto leva a pensar que o negativo é mais frequente e mais objetivo porque se refere à situações reais já vividas com homens de carne e osso e o homem que está por vir é um homem de sonhos e até mesmo defini-lo torna-se difícil. Uma das cartas diz: *“o que bem identifica o caráter de um homem é a maneira como ele trata uma mulher. Não mude nunca, pois você é um homem de caráter”*.

O que temos de concreto neste trecho quanto ao que definiria o homem de caráter que ela tem certeza que está diante dela? A forma com que ela é tratada. Se o homem a trata bem nas cartas (podemos supor que isto significa que deve mostrar-se carinhoso e atencioso), então ele é um homem de caráter.

Seria precipitado e ingênuo julgar que a fala desta mulher é um fato isolado e que ela é uma tola porque esta é a tônica de toda as cartas que foram lidas. A categoria sonho deixa claro que todos os sonhos mencionados referem-se a este homem imaginário. Uma delas diz o seguinte: *“As vezes eu penso que você não é real, pois eu nem acredito que em minha vida surgiria uma pessoa como você. Será um sonho, meu amor, ou você existe mesmo?”*. Outra

moça não pode visitá-lo em um final de semana e criou o seguinte enredo: *“Esta semana tô fazendo de conta que meu homem, meu amigo, meu amante, meu companheiro, meu príncipe foi fazer uma viagem de negócios (que chique, não ?) e nós só poderemos nos ver no próximo final de semana. Gostou do meu romance?”*. Outro trecho de outra mulher : *“Quem sabe você não é meu príncipe e eu a sua Cinderela?”*.

Por último um trecho que deixa bem clara a importância do sonho no contexto destas cartas : *“Meu amigo, nunca desista de seu sonho pois quando desistimos de um sonho a gente morre um pouco por dentro. Eu nunca desisti dos meus e nunca desistirei”*.

Morin acredita que as constantes imersões do mito amoroso na realidade não atingem o núcleo do amor, pois “enquanto o amor absoluto se racha e enfraquece, ele torna a renascer, e nessa sucessão de mortes- renascimentos surge o verdadeiro absoluto : não o amante ou a amante, mas a busca do amor. (1969, p.144).

As vezes as mulheres demonstram perplexidade ao se perceberem apaixonadas neste tipo de situação. *“Nunca pensei que um dia eu fosse me envolver com alguém que eu não conheço e não sei se irei conhecer”*. Porém o trecho de outra carta ilustra o movimento que costuma se seguir a este estranhamento. *“Acredito no seu amor, pois creio que possa acontecer de alguém se apaixonar por uma pessoa sem mesmo ter conhecido a mesma pessoalmente”*.

O discurso amoroso nas cartas toma basicamente duas formas: declarações ao amado sobre o sentimento e desconfianças quanto à autenticidade do amor do outro. *“Hoje recebi duas cartas de uma pessoa que diz que me ama muito. Será que ama mesmo?”*, *“Meu amor eu quero saber se você realmente gosta de minha pessoa se me quer mesmo para sempre, por que eu fico aqui pensando se realmente você me quer ou está brincando com meus sentimentos”*.

O desejo de viver o grande amor é a tônica que move as cartas. As mulheres frequentemente desconfiam que o sonho não se realizará, não por seu caráter de sonho, mas por falta de sinceridade masculina.

Quase todas as mulheres afirmam valorizar a sinceridade, elegendo-a como a qualidade mais importante em uma pessoa. Frisam este ponto alegando que temem se decepcionar mais uma vez. Quando exaltam o homem sincero e dizem abominar mentiras, referem-se às mentiras amorosas e não a prováveis (no ponto de vista desta pesquisa)

mentiras encobridoras de questões criminais. A conduta moral como homem fica dissociada da questão criminal. Dai a busca de informações sobre os homens amados com informantes também presos com quem não estão envolvidas amorosamente. A opinião destes outros, isenta dos riscos da cegueira amorosa seria digna de total confiança. O horror à falta de sinceridade e à mentira está associado ao fato de que, se descoberta, a mulher se vê obrigada a despertar do sonho. *“Eu aprendi, não devemos esperar muito das pessoas quase nada mesmo, mas devemos e podemos esperar uma só coisa: SINCERIDADE”, “Mas confesso que tenho realmente muito medo de me apaixonar novamente pela pessoa errada e eu vir a sofrer novamente pois já tive decepções demais”*.

O insistente e talvez inútil apelo à sinceridade leva a pensar no que Barthes escreveu sobre a verdade:

não é a verdade que é verdadeira, é a ligação com o engano que se torna verdadeira. Basta que eu teime, para estar na verdade: um ‘engano’ afirmado infinitamente, ao contrário de tudo e contra tudo, torna-se uma verdade. (Afinal de contas, talvez exista no amor- paixão um pedacinho de verdade...verdadeira) (1981, p.198)

Os indicadores encontrados na categoria trabalho parecem confirmar que a realidade da situação do pretendente pouco importa à mulher e se mencionada é para valorizar a condição protetora e poderosa da mulher.

A categoria trabalho reúne basicamente referências aos empregos das mulheres, sua profissão, seus rendimentos, sua maior ou menor satisfação enquanto trabalhadoras. Mostram-se orgulhosas por trabalharem e exibem suas potencialidades para o pretendente. Nenhuma pergunta quanto ao futuro trabalho do homem o que seria de se esperar entre namorados que pensam em casamento.

No Brasil, como em outras sociedades, espera-se que o candidato ao casamento tenha condições de assegurar à mulher condições de vida senão melhores pelo menos idênticas às que a mulher tem na casa de seus pais. O casamento com um homem sem ocupação ou emprego costuma ser algo humilhante. Na situação da pesquisa as mulheres em geral são mais velhas, já foram casadas e não estão exatamente em busca de um casamento tradicional mas

têm expectativas de vida em comum e a situação aparentemente é bem pouco promissora: o homem não só está sem emprego e com reduzidas chances de conseguir colocação, se é que assim o deseja, como cometeu um crime ou vários. Mas nada disso importa. A mulher tem planos para o homem. Aquelas com melhor situação econômica prometem montar um negócio para o homem administrar (sonho do brasileiro, ser seu próprio patrão), ou comprar pequenas fazendas para que eles tomem conta. E mesmo as que não se dizem possuidoras de bens sempre apontam para soluções onde o casal estará com o futuro garantido, contanto que haja força de vontade e disposição para o trabalho.

6.3 - Grupo 3

O espaço da prisão pode tanto ser mundo da rua quanto mundo da casa, confirmando a afirmação de Da Matta de que casa e rua não são categorias sociológicas estanques, havendo permanente deslocamento. De um lado, exemplo extremo de mundo da rua, onde vivem os marginais que tanto atemorizam o cotidiano urbano. Por outro lado, quando um homem preso prepara a cela para receber a visita e faz também uma comida especial para esperar a mulher, este espaço impessoal quando visto de fora transforma-se em acolhedora casa.

Nas cartas, as referências à prisão enquanto espaço físico superam as referências ou perguntas em relação ao crime, muitas vezes encobrindo o desconforto de tocar claramente no assunto do crime e permitindo também que a mulher possa esconder de si mesma que está relacionando-se com um criminoso. Fala-se de prisões de forma velada : *“Neste lugar”, “lugar horrível”, “aí”, “pior lugar”, “lugar de reflexão”*. Tenta-se tornar o crime do correspondente um erro humano como tantos outros e as alusões ao crime também são veladas . *“Tua situação”, “teu problema”, “fazer algo errado”, “pagar pelo erro”, “teu passado”*, são algumas das diversas formas de se abordar o crime. Invocam a justiça divina para afirmarem que eles estão perdoados e criticam as falhas da justiça humana. Procuram sempre desculpá-los ou demonstrar que os perdoam : *“Não importa o que você fez, o importante é saber que alguém confia em você”*; *“seja o que for, continuo sendo sua amiga”*; *“não tenho o direito de julgar”, “errar é humano”*.

Seguindo esta mesma linha de atitude, de não julgá-los, procurando aceitar qualquer coisa que tenham feito, declaram-se como pessoas não preconceituosas. Os homens em suas cartas iniciais ou anúncios afirmam que estão em busca de alguém sem preconceitos, daí elas sempre tocarem na palavra preconceito e criticarem as pessoas preconceituosas. Os presos sabem que seu estigma é extensivo às pessoas que com eles se relacionam e que muitas mulheres teriam mais este motivo para evitá-los. *“Antes de mais nada quero que saibas que não sou uma pessoa preconceituosa”* *“Eu não tenho preconceito contra presidiário, mas a maioria das pessoas fogem de uma pessoa que esteve ou está presa, não é preconceito, é medo, é covardia”*.

O momento da saída também é muito mencionado com expressões como *“sair de”*, *“liberdade”*, *“recomeçar uma nova vida”* e as referências ao tempo costumam estar

associadas a este momento, tanto que o futuro é o tempo verbal mais empregado : “*O tempo dirá*”, “*tudo irá terminar bem*”. Ou então são utilizadas expressões que apontam para um momento que está por vir : “*tomara que este dia chegue logo*”, “*o que pretende fazer*”, “*quando sair*”, “*breve*”, “*logo*”, “*nosso futuro*”, “*no Natal*”.

Marcadores de tempo mais próximos e imediatos costumam ser a contagem dos dias que faltam para a visita, e para o recebimento de uma carta. A contagem regressiva deste tempo é tão importante quanto a contagem de tempo para a liberdade. A passagem do tempo é ansiosamente aguardada pelo preso e pela mulher. O tempo do qual estamos falando, mesmo estando marcado pela referência à prisão, é o tempo da espera amorosa. Barthes (1977) define esta “espera” como “tumulto de angústia suscitado pela espera do ser amado, no decorrer de mínimos atrasos (encontros, telefonemas, cartas, voltas)” (p. 94). Em outro momento o autor afirma que a identidade do enamorado não é outra senão daquele que espera.

A correspondência instaura uma outra marcação do tempo que não o da pena, é o tempo do amor, da espera amorosa que substitui de maneira agradável um tempo lento e sofrido³⁴. Observa-se, portanto, que a espera amorosa da carta ou do encontro (e aí não só a feminina, mas também a do homem enamorado) confunde-se ou vem intencionalmente encobrir a contagem do tempo relacionada à pena. A espera amorosa pode ser vivenciada como um castigo porém em nada igualável à espera do fim da condenação. A liberdade, isto é, sua perda, permite a quantificação da pena segundo a variável do tempo. Foucault (1987) diz que em uma sociedade que usa o tempo para medir as trocas é natural que o tempo que a pessoa passa na prisão seja percebido como o tempo necessário para pagar a dívida com a sociedade.

Retirando tempo do condenado, a prisão parece traduzir concretamente a idéia de que a infração lesou, mais além da vítima, a sociedade inteira. Obviedade econômico-moral de uma penalidade que contabiliza os castigos em dias, em meses, em anos e estabelece equivalências quantitativas delitos-duração (1987, p.208).

Nesta pesquisa priorizou-se a análise do conteúdo das cartas mas a carta em si mesma,

³⁴ A pesquisa de José Henrique Goifman (1994), “*Valetes em Slow Motion : o espaço e a morte do tempo na prisão a partir de experiências com o vídeo*” confirma nossas observações sobre a especificidade do tempo do contexto prisional.

enquanto veículo de comunicação amorosa, as formas que ela assume no contexto estudado, sua estrutura interna, os conteúdos que costumam ser anexados, os envelopes, a forma de subscritá-los devem também ser abordados em função de suas peculiaridades. Além disto a carta é também assunto dentro da própria carta e neste sentido ela é uma categoria. Vejamos inicialmente a carta enquanto categoria.

No trechos iniciais e finais de cada carta costumam aparecer as menções à própria carta : *“Sua carta trouxe felicidade”, “Recebi tua cartinha”, “A melhor coisa do mundo é receber carta? É sim. Quando recebe minha carta você gosta? Pois é, eu também curto de montão”, “Espero que quando esta carta chegar até você, possa receber numa carinhosa amizade”, “Desculpe-me pelo atraso das cartas”, “Eu te prometo escrever com mais frequência”, “Sua carta do dia 31/12 é linda, amei de paixão e adorei sua letra”.*

Há também uma maneira de falar da carta enquanto uma forma de relacionamento ou uma etapa do mesmo : *“Acho que numa primeira carta é tão difícil começar um longo pápo, por isso é que acho que no decorrer das mesmas a gente vai ficando mais íntimo e amigo e as idéias começam a ser trocadas”.* As diferenças de conhecer-se pessoalmente ou através de cartas são enfatizadas : *“Pelo fato de falar pouco, eu descarrego nas cartas tudo o que não converso com as pessoas, por medo ou por não querer mesmo”.*

Barthes introduz o trecho em que fala de carta de amor desta forma : *“ a figura visa a dialética particular da carta de amor, ao mesmo tempo vazia (codificada) e expressiva (cheia de vontade de significar o desejo)”* (p.32). Diz ainda que *“como desejo, a carta de amor espera sua resposta: ela impõe implicitamente ao outro responder, sem o que a imagem dele se altera, se torna outra”* (p.33).

“Desculpe-me pelo atraso das cartas”, “Eu te prometo escrever com mais frequência”, “Espero que quando essa carta chegar, eu já tenha recebido outras suas, porque essas duas semanas eu só recebi duas cartas, uma de 30/03/95 e outra de 29/03/95. Em 15 dias só recebi duas cartas, é mole ? Realmente ficar sem notícias suas, me deixa muito preocupada e qualquer dia desses, quando você passar muito tempo sem me escrever, eu vou alugar um helicóptero e vou descer aí no meio desses caras todos e vou puxar tua orelha ! Isso não é coisa que se faça com sua amiguinha!”. Barthes selecionou dentre as cartas enviadas por Freud a sua noiva, o seguinte trecho:

Não quero porém que minhas cartas fiquem sempre sem resposta, e não escreverei mais se você não me responder. Eternos monólogos sobre um ser amado, que não são nem ratificados nem alimentados pelo ser amado, acabam em idéias falsas sobre as relações mútuas, e nos tornarão estranhos um ao outro quando nos encontrarmos novamente, e acharmos então as coisas diferentes do que, por não termos nos certificado delas, se imaginava (Freud *apud* Barthes, p.33)³⁵.

Observa-se que apesar do estilo das cartas de nossa pesquisa não possuírem a mesma sofisticação encontrada na carta de Freud, a queixa é comum : ausência ou demora de respostas de cartas. O jornalista André Malta Campos em matéria no jornal **Folha de São Paulo**³⁶ diz que se há algo que iguala os simples mortais e os grandes gênios da humanidade são as cartas de amor. Para comprovar sua afirmação cita trechos de banais cartas de amor de Einstein, Mozart e Nietzsche. Banais ou ridículas aos olhos do expectador, porque certamente cartas de amor não foram escritas para serem lidas por terceiros em tempo alheio ou distante ao momento da escrita e leitura a quem ela foi dirigida.

As demoras, ausências ou frequência de cartas atestam a saúde do relacionamento. Quanto mais cartas, mais amor. A ausência seria indício de que o amor pode ter acabado. *“Como pode não ter recebido minhas cartas ? Não entendo. Você ainda me quer?”*, *“Ontem, dia 2, completou 10 dias que eu não recebia carta sua. Fiquei muito preocupada e falei com a vovó e nós duas chegamos a pensar que você havia decidido não escrever mais”*. Há momentos em que o relacionamento por cartas é questionado. Uma delas se pergunta : *“Investir em alguém só por carta? Não seria correr um risco?”*.

O que chamaríamos a forma da carta, pode começar a ser observado pelos envelopes. Encontram-se envelopes subscritados da maneira habitual, com nome do remetente e destinatário e respectivos endereços. Outros possuem um texto extra, muito além do exigido pelas regras dos Correios. *“Para o meu amor”*, *“Ao grande amigo”*, *“Para o jovem muito especial em minha vida”*, *“Preciso ter notícias”*, *“Nosso amor é um sentimento sem fim que é*

³⁵ No livro, **Sigmund Freud Correspondência de amor e outras cartas 1873-1939**, editado pela Nova Fronteira em 1982 encontra-se esta carta com diferente tradução na página 49.

³⁶ A matéria mencionada intitulou-se **Gênios “babavam” em cartas**. Publicada no caderno Cotidiano em 11 de junho de 1995.

tudo para mim”, “Remetente: Liberdade”. Os dizeres religiosos, citações bíblicas são inúmeros : “*Quem faz justiça ao oprimido e dá pão ao faminto O senhor solta o encarcerado. S.L.146:7*”, “*O senhor afastou as sentenças que eram contra ti, lançou fora o teu inimigo: o rei de Israel, o Senhor, está no meio de ti; tu já não verás mal algum Sofonias 3:15*”, “*Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor o livra de todas. Salmo 34:19. Que a paz do Senhor Jesus esteja no seu coração*”. Além dos trechos manuscritos com dizeres bíblicos há decalques com reprodução de trechos bíblicos que são colados nas cartas: “*Não vos inquieteis com o dia de amanhã*”. *Mateus 6:34*”. Nem o espaço de quadrados para o Código de endereçamento postal é poupado. Uma delas preencheu os quadrados com letras da frase “*Jesus nos ama, como nós somos!*”.

Mensagens para o carteiro e Correios também são frequentes: “*Obrigado correio, um bom dia que Deus te leve e te traga*”, “*Amigo carteiro, Deus abençoe seu trabalho e te proteja na sua jornada*”, “*Vá com Deus*”. Estabelece-se uma relação pessoal com a instituição Correios. Ou melhor, ela deixa de ser instituição, é como se um amigo intermediasse a relação entre dois outros, resquício de uma época em que as cartas eram enviadas por portadores conhecidos. Não se confia na Empresa Brasileira de Correio e Telégrafos e sim na pessoa do carteiro. Manter uma relação cordial com ele é a garantia de que a carta será entregue em segurança. Da Matta (1993) diz que no Brasil as leis da amizade e do parentesco têm mais força e importância que as leis oficiais. O brasileiro preza as relações pessoais que não o deixam caminhar sozinho no mundo, diferentemente dos americanos, por exemplo, “que sempre se vêem e existem como indivíduos” (p.17). Esta questão pode ser pensada através da dicotomia casa vs. rua. No espaço da rua, o anonimato impera. “Na rua não há, teoricamente, nem amor, nem consideração, nem respeito, nem amizade” (p.29).

O papel da carta nem sempre é o papel de carta branco, fino e pautado tradicional. Costumam ter motivos infantis. Bichinhos, tipo animais de estimação e frases: “*Todo o que é feito com amor tem mais valor !*”, “*Sempre existe uma saída , mesmo quando está difícil de encontrar*”. “*Todo o que é feito com amor tem mais valor !*”, “*Sempre existe uma saída , mesmo quando está difícil de encontrar*”.

Poderíamos também atribuir as características deste estilo, ao clima vivido no romance. Azevedo (1986) já salientara que os postais e cromos que os namorados utilizam

para se corresponder muitas vezes sugerem a inocência nas figuras de crianças em atitudes de namoro, acariciando-se, beijando-se, trocando olhares significativos ou flores.

No interior dos envelopes são encontrados muitos conteúdos além do papel. Destacam-se as fotografias, a maior parte coloridas, retratando suas autoras, cuidadosamente arrumadas, com roupas sóbrias ou provocantes em cenários naturais com árvores, flores ou tendo o mar ao fundo. Quando o cenário é o interior da casa, tudo aparece bem arrumado, o foco privilegiando além da própria mulher, os eletrodomésticos; ou o cenário é o quarto e a cama e a moça posa provocativamente. Uma foto encontrada no interior de uma das cartas contém os diversos elementos: pose provocante na sala, com um quadro de moldura dourada, aparelho de som, caixa de som e televisão ao fundo. Os bens duráveis de uma casa merecem ser exibidos em destaque porque além de serem símbolos de status foram possivelmente comprados com sacrifício, fazendo parte da história da vida da correspondente.

O envio das fotografias é um momento decisivo na correspondência pois a aparência dos correspondentes conta favorável ou desfavoravelmente e pode decidir a continuidade do relacionamento.

Os trechos bíblicos também frequentam o interior das cartas principalmente na forma de panfletos editados pelas diversas igrejas que elas frequentam³⁷.

As máximas e pensamentos mencionadas pelas mulheres, de tão frequentes e significativas neste tipo de relacionamento pesquisado chegaram a compor uma categoria e fazem parte do estilo que vem se observando nestas cartas. Bosi, na pesquisa citada anteriormente sobre leitura de operárias, já constataria a preferência das pesquisadas em relação a este tipo de matéria quando lêem uma revista. Poderíamos afirmar que este tipo de mensagem é um produto típico da cultura popular no sentido que uma das características desta última é sua rejeição e resistência ao que pode ser chamado de “modo de produção autoral ou individualista”. Todas as máximas são de autoria desconhecida e se na cultura oficial tudo tem autor, isto não ocorre ao nível da cultura popular. Outra característica seria a referência a uma realidade sócio-cultural classificada como espontânea, “produzindo objetos que seriam fabricados por grupos que não teriam consciência de seus próprios processos e regras de criatividade” (Da Matta, 1992, p.52)³⁸.

³⁷ No anexo 3 encontram-se reproduzidos alguns destes panfletos.

³⁸ O artigo de Roberto da Matta, *Treze pontos riscados em torno da cultura popular* é fundamental para esta discussão porque apresenta uma visão crítica do conceito de cultura popular. É encontrado no Anuário antropológico/ 92. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

As máximas e pensamentos que compuseram a categoria frases de sabedoria tanto podem aparecer inseridas em outras frases como continuidade de um trecho em uma carta, destacadas em cartões anexos ou impressas em posição de destaque no papel da carta. Em ambos os casos são portadoras de uma ênfase que marca sua presença e impõem uma descontinuidade em relação ao restante das frases do texto. Estas frases costumam abordar questões básicas da existência, como as condutas desejáveis para enfrentar os conflitos, os valores prezados, as vicissitudes do tempo e do amor e exaltações ao poder de Jesus Cristo e Deus. *“Custa tanto ser uma pessoa plena, que muito poucos são aqueles que tem luz ou coragem de pagar o preço”, “Só o tempo irá dizer”, “As folhas das árvores estão caindo para dar lugar as outras. Isso é renovação! É tempo de renovar; restaurar, fazer novo o que se fez antigo”, “Somente Jesus te livrará do laço que caiste porque Ele é o nosso advogado”.*

6.4 - Grupo 4

A primeira carta respondida pela mulher a partir do anúncio descreve a impressão que o texto do preso lhe provocou. Como é de praxe neste tipo de anúncio, menciona-se interesse em uma amizade sincera ou futuro compromisso. Propõe-se a amizade inicialmente e a explicitação do interesse amoroso vem logo a seguir, quando julgam que já conhecem melhor o correspondente. No caso dele não atender as expectativas, a proposta de amizade permitiria alguma distância. *“Gostei muito do seu anúncio , pensei comigo mesma, puxa ele deve estar precisando de amigas”*, *“Quando vi seu recado nos classificados do amor me interessei muito em me tornar sua amiga”*.

O primeiro passo para duas pessoas se tornarem amigas ou amantes é o conhecimento mútuo. Daí ser proposto que cada um fale um pouco de si e de sua história. Barthes (*op.cit.*) discorrendo sobre o encontro amoroso diz que “nem um nem outro se conhecem ainda, Precisam então se contar : ‘Eis o que eu sou’. É o gozo narrativo, aquele que ao mesmo tempo completa e atrasa o saber (1981, p.85). *“Fiquei feliz de saber um pouco sobre você”*, *“Você pode me fazer perguntas, tá legal? Na próxima te conto um pouco mais de mim”*, *“Vou lhe contar um pouco sobre minha vida, com certeza não vou mentir em nada para você”*.

Em um segundo momento a proposta de falar de si objetiva também o desabafo e as confidências. O relacionamento por carta adquire por vezes o aspecto de um diário no qual a pessoa pode falar de tudo, da forma que acha melhor. Como o tempo de recepção da mensagem³⁹ é completamente diverso de uma situação onde os dois interlocutores estão presentes, um diante do outro, instaura-se uma liberdade de se falar de vários assuntos ao longo de muitas páginas. Algumas contam tanto acerca de seus problemas que preocupam-se de ter abusado da paciência do correspondente. *“Te torrei os culhões”*, *“Antigamente meu Judas que ouvia meus lamentos era M., mas agora infelizmente transferei esta dura tarefa procê. Mas vou procurar evitar ao máximo te aborrecer com problemas que não te dizem respeito, ok ?”*, *“Se um dia quiser desabafar estarei pronta para ouvi-lo e ajudá-lo da melhor maneira possível”*, *“Pelo fato de falar pouco, eu descarrego nas cartas, tudo o que não converso com as pessoas por medo ou por não querer mesmo”*, *“Esta semana vai ter que*

³⁹ A tese de doutorado de Oliveira enumera os contrastes entre propriedades da língua falada e escrita.

segurar todas”.

No **Novo Dicionário Aurélio** a “amizade” é descrita como ‘sentimento fiel de afeição, simpatia, estima ou ternura entre pessoas que geralmente não são ligadas por laços de família ou por atração sexual.’ Este sentimento é temática frequente nas cartas, enaltecido como sentimento eterno. Em função da ausência do elemento sexual, na amizade as pessoas poderiam ser sinceras todo o tempo.

A passagem da temática das cartas de amizade para amor é rápida e súbita, deixando claro que o assunto amizade era apenas um préambulo para o amor. O trecho a seguir deixa claras as intenções amorosas temporariamente encobertas *“Se você quiser poderemos ser grandes amigos, sei que sou mais velha que você, mas tenho certeza que isso não nos impede”*. A importância da idade dos envolvidos é uma regra tradicional nos namoros (Azevedo, 1986). É desejável que a diferença não seja muito sensível e o mais idoso seja o rapaz. Nas descrições que fazem de si nas cartas iniciais a idade é invariavelmente mencionada. As frases a seguir trazem uma intensidade emocional que certamente escapa ao sentimento de amizade : *“Espero que nunca venha a duvidar de minha amizade e pense que eu te esqueci, pois isso é impossível”*, *“Uma amizade como a nossa jamais poderia terminar por nada”*.

Observou-se, após a análise de conteúdo, que o discurso religioso nas cartas chega a ser mais frequente que o discurso amoroso. É bem verdade que eles estão frequentemente associados. A palavra de Deus registrada nas cartas entremeia-se com as palavras de amor, justificando-se mutuamente, isto é, o amor autorizando a mulher a converter o preso e a conversão tornando possível a salvação deste homem e um relacionamento futuro.

Não é de hoje que os santos, Jesus e a Virgem Maria desempenham passiva e simbolicamente o papel de favorecedores de namoro. Monteiro Lobato, citado por Azevedo (*op.cit.*) conta como se namorava nas igrejas no princípio do século. As missas, o mês de Maria, as trezenas de Santo Antônio eram pretextos para que as moças pudessem encontrar com seus namorados, temporariamente libertas do controle familiar.

Com relação a estas cartas a situação é um pouco diferente, uma vez que tais relacionamentos entre mulheres fiéis e presos tornam-se respaldados pelas igrejas. O presidiário reúne características que o tornam um dos alvos ideais da atuação de grupos religiosos. É o pecador por excelência.

Cabe uma explicação do porquê da interpretação dos trechos de discurso religioso a seguir sob a ótica da racionalidade protestante. Constatou-se que a maior parte das mulheres falam em religião e o fazem de uma forma que não permite dúvidas quanto à sua filiação evangélica. Precisar exatamente a que Igreja pertencem torna-se mais difícil porque elas não deixam explicitado a qual delas são filiadas. Mas a precisão deste dado pouco importa, uma vez que as crenças e propósitos em comum de todas estas Igrejas são mais significativas que suas divergências, pelo menos no que tange aos propósitos desta pesquisa. Pode-se dizer que todas elas adotam um sistema simbólico bastante rígido permitindo “aos adeptos se afastarem das tendências anômicas ligadas às transformações sociais aceleradas” (Aubrée, 1994, p.81). Em suas práticas pode ser observada a intensa relação dos atos religiosos com o cotidiano de suas vidas. Cesar (1994) diz que os crentes são “missionários do cotidiano”. Outra questão comum no protestantismo é o privilégio da palavra em oposição à contemplação. Alves explica que “Já que o divino não pode ser representado pela forma, pela cor e pelo movimento, restou ao Protestantismo indiciá-lo por meio da linguagem. Esta é a razão porque o meio por excelência pelo qual os protestantes vivem a religião é a linguagem : eles pregam, eles ouvem, eles cantam” (1982, p.132). E eles escrevem, pode-se acrescentar.

Muitos trechos são escritos com o objetivo das mulheres ensinarem aos homens como se aproximar de Deus. Demonstram também preocupação de estarem sendo insistentes e inoportunas mas mesmo assim continuam “pregando” : *“Quero te fazer um pedido, reze, ore, fale com Deus da maneira que você sabe que ele vai te ouvir pois nesse momento ele está junto de ti. Você não está esquecido, muito pelo contrário. Isso que eu escrevi foi com imenso carinho. Peço desculpas se lhe ofendi, em certas palavras”*.

Os evangélicos são o grupo que mais se dedica à doutrinação dos presos brasileiros nos últimos anos. A Igreja católica tenta recuperar o espaço perdido pela Pastoral Penal e dedica ao encarcerado a Campanha da Fraternidade do ano de 1997 com o lema: “Cristo liberta de todas as prisões”. O jornal da Igreja Universal, com tiragem de aproximadamente um milhão de exemplares por semana, invariavelmente dedica uma matéria de significativo porte aos presos e os grupos crentes visitam sistematicamente as prisões em missões evangelizadoras. A Igreja católica também realiza trabalhos e frequenta as prisões mas quem executa os trabalhos são os padres. Nas grupos pentecostais, maioria dentre os evangélicos, a autonomia de cada fiel é incentivada e as mulheres evangélicas iniciam a correspondência

com o objetivo religioso encobrendo parcialmente a motivação amorosa. Cada mulher assume seu correspondente como um ser humano a ser salvo.

O primeiro passo de uma adesão ao pentecostalismo trata-se de uma libertação pessoal do Mal e o indivíduo liberto do Mal estaria consciente das verdades do mundo, daí sua maior responsabilidade sobre sua felicidade e a dos outros. Os movimentos pentecostais levam seus fiéis a transitar entre os espaços sagrado e profano de forma intensa. A Igreja invade toda a vida dentro e fora do templo. Os crentes são missionários do cotidiano e toda sua vida é pautada pelos ditames da Igreja.

Nas vertentes pentecostais estão os grupos mais numerosos incluindo a Igreja Universal e a Assembléia de Deus e nelas os cultos de possessão ocupam lugar de destaque, sendo que a Universal faz do “combate à possessão o centro de sua atividade ritual e o instrumento maior de conquista de adeptos” (Birman, 1994, p.93). Nos cultos de possessão objetiva-se a expulsão do Mal e das forças diabólicas. Zaluar chama a atenção para as associações feitas pela população, dos bandidos ao mal absoluto (1994). Na Cidade de Deus chama-se de “condomínio do diabo” a ligação como um bandido.

Nos trechos a seguir fica clara a mediação divina no destino amoroso de cada mulher. Confia-se em Jesus para conseguir um companheiro e como Jesus ajudou a escolher, este relacionamento estará automaticamente abençoado. *“Mas confio em Jesus, sei que vou encontrar alguém para casar comigo. E eu tou orando para Jesus me ajudar permanecer na perseverança e no amor”, “Eu peço a Deus por sua liberdade e que logo resolva a nossa vida se for mesmo o nosso destino ficar junto para sempre, isso eu espero amor, mas quem sabe é o meu Deus do nosso futuro”, “Vivo orando para Jesus enviar meu companheiro escolhido por ele”.*

Este último trecho é ainda mais esclarecedor do lugar que Deus ocupa no relacionamento: *“Ponho fé no nosso futuro, acredito que viveremos felizes, sabe porque? Porque temos feito de Deus o nosso ideal. Não existe nenhum relacionamento que dá certo se os dois não viver debaixo da palavra de Deus. Não seria possível eu acreditar que você me ama se não amasse a Deus primeiro e vice versa. Este amor que sentimos um pelo outro vem de Deus”.*

As mulheres preocupam-se em convencer os homens de que Deus os aceita do jeito que eles são. Nestes momentos há uma certa superposição entre a atitude delas e a

benevolência divina. Elas afirmam não ter preconceitos e que não cabe a elas julgá-los. Se Deus os perdoa porque elas não os perdoariam pelos erros cometidos? *“Eu não te condeno pelo que aconteceu, pois o único que pode condenar e julgar é Deus”, “Há alguém que te aceita como és”.*

No texto das cartas Deus é sempre mencionado como o juiz supremo e só através dele os sofrimentos do mundo podem ser amenizados: *“Só Deus poderá ajudá-lo para que você saia deste lugar horrível o mais breve possível”, “Para Deus nada é impossível”, “Acredite em Deus, ele existe e é o único que pode ajudá-lo”.*

A idéia recorrente de que só Deus pode fazer algo pelo homem preso poderia ser interpretada como uma evidência da descrença no sistema judiciário, o que não seria absurdo já que todos conhecem a lentidão da Justiça e as arbitrariedades sofridas pelos presos sem recursos econômicos. Porém nesta hora a realidade não está em questão e o que conta é o pensamento de que o rumo da vida de todos nós está nas mãos de Deus. A doutrina da Providência, que faz parte do corpo explicativo da racionalidade protestante diz que todas as coisas têm uma única causa, a vontade de Deus. No caso do preso, tanto o fato dele ter sido levado à prisão como sua liberdade estão atrelados aos desígnios divinos. O crime é visto como uma ação cometida por alguém que está alienado da própria vontade pois está possuído pelo demônio. Porém, cada um tem a liberdade para escolher entre servir a Deus ou ao diabo.

Além disto, dentro da ética protestante, todas as crises são morais e a noção de pecado engloba todos os tipos de falta ou crimes inclusive os crimes no sentido literal. Os pecados dentro da moralidade protestante são julgados em um tribunal próprio que é regulado pela disciplina eclesiástica definida por Alves como

um conjunto de mecanismos regulamentados por um texto universalmente aceito dentro dos limites da Igreja, que cataloga as faltas passíveis de punição, recebe queixas e denúncias contra os transgressores, julga-os e pune-os com penas que podem ser admoestações, afastamento da participação nos sacramentos e exclusão, pela qual o faltoso é eliminado da comunhão da Igreja (Alves 1982, p.172).

Da mesma forma que a justiça civil, a disciplina eclesiástica distingue entre inocentes e culpados.

Quando se abordou a especificidade do tempo na prisão o tempo futuro foi de longe o mais mencionado. O passado do homem e seu crime e o tempo presente na prisão foram menos mencionados que o futuro. Este tem uma importância maior que os outros tempos, pois é tempo de salvação e glória.

Em relação à estruturação do tempo, Aubrée (1994) considera que na experiência individual de cada pentecostal existe uma ruptura significativa entre o antes e o depois da “aceitação de Jesus”. “Essa aceitação é considerada como a tomada de consciência da sua condição de eleito do Senhor, ou seja, alguém diferente dos outros membros da sociedade global na qual ela vive” (p.82). Uma das mulheres descreve esta passagem em sua vida: “*Não tenho mais do que me queixar pois conheci uma pessoa que mudou meu ser*”.

Para Deus e para o ser que ama, nada é impossível. Tudo pode acontecer desde que seja vontade divina, inclusive o homem preso regenerar-se e o casal ser feliz para sempre. A imagem do ser amado e a imagem de Deus caminham tão juntas que a descrição de um e outro se confundem. O trecho a seguir ilustra esta superposição: “*Deus tem sido maravilhoso comigo. Dentre tantas coisas Deus me deu você. Esta pessoa maravilhosa, que me ama, que me apoia e que se preocupa comigo, alguém que me compreende e me dá amor, me perdoa e me suporta e não pede nada em troca, eu magoo ele e ele não tem rancor. Este é Deus*”.

7 - Conclusões

Ao se abordar um fenômeno social tendo como objetivo mais amplo a compreensão da dinâmica de uma sociedade, pode-se focar as grandes estruturas como o sistema econômico ou político ou analisar situações específicas do cotidiano pois de uma forma ou de outra estaremos vislumbrando aquela sociedade em questão.

A correspondência amorosa abordada nesta dissertação é um exemplo bastante específico de uma prática que é corriqueira dentro das prisões e também faz parte do cotidiano de um grupo de mulheres, em geral pobres, que escutam programas de rádio habitualmente e são leitoras de determinadas publicações da imprensa feminina.

Constata-se que a forma como as mulheres se descrevem na correspondência analisada é o início da relação e um dos ingredientes do jogo amoroso. As representações que as mulheres têm de si mesmas visando a conquista amorosa exprimem teoricamente a sociedade em um de seus aspectos mais importantes, o papel da mulher e o que dela é esperado e como cada uma delas internaliza e atua segundo as expectativas deste papel. A leitura das cartas femininas nesta pesquisa constitui um meio privilegiado de observação destes papéis.

A forma como pessoas descrevem a si próprias em uma correspondência quando ainda não se conhecem pessoalmente é decisivo para o início e a continuidade da relação. Em todo e qualquer relacionamento as pessoas se apresentam tentando mostrar uma determinada imagem. Para tanto utilizam palavras, gestos, condutas e ostentação de símbolos de status. Nas cartas, muitas vezes são trocados retratos, porém não são eles que sustentam o relacionamento e sim as palavras. Faz parte do jogo amoroso mostrar o que se julga ter de melhor e tanto homens quanto mulheres exibem o que supõem ser valorizado pelo outro.

O tipo de correspondência estudada provoca sentimentos de familiaridade e estranheza. Por um lado são simples cartas de amor, por outro lado trazem a marca da prisão. A simples existência desta prática, corriqueira na prisão e desconhecida do mundo externo, é uma evidência de que os muros da prisão são mais permeáveis do que se imagina e a restrição civil imputada aos presos não é absoluta, confirmando a existência de um intenso nível de trocas entre a prisão e mundo externo. Para estudá-las foi preciso estabelecer uma estratégia de aproximações e distanciamentos sucessivos, com o objetivo de tornar esta prática, além de

pitoresca e interessante, um canal para a compreensão de aspectos da relação entre homens e mulheres na especificidade deste contexto.

As cartas manuscritas são geralmente vistas como um meio de comunicação em desuso. Porém, a despeito de todos os avanços tecnológicos que proporcionaram inúmeras formas das pessoas se comunicarem, as cartas tradicionais mantêm sua importância uma vez que a maior parte das pessoas do mundo não têm acesso a meios sofisticados de comunicação e há situações específicas, como a vida nas prisões, quando mesmo existindo outras formas de comunicação pessoal seu acesso é restrito ou proibido.

As atividades que as pessoas executam para matar o tempo ou até mesmo o lazer são consideradas de menos importância em sociedades nas quais a medição do tempo é parâmetro fundamental. Na prisão, as noções de espaço e tempo são peculiares às suas finalidades. A reclusão e o isolamento em relação ao mundo externo pelo período de tempo ditado pela condenação supõe um tipo de castigo que se utiliza destas variáveis, por considerar que o tempo que um homem passa confinado se iguala à extensão do dano que ele causou à sociedade.

As visitas recebidas pelo preso, a televisão nas celas, os aparelhos de rádio são “janelas” para o mundo de fora que também ajudam a suportar a lenta passagem do tempo. O trabalho dentro da prisão ainda é uma realidade para poucos, ficando a maior parte da massa carcerária completamente ociosa. Escreve-se portanto com variadas finalidades. Para ocupar o tempo ocioso, para se obter bens que financiem a economia delincente e para se delimitar um raro e precioso espaço de privacidade e silêncio. Poder estar só, sem escutar outras pessoas conversando é um desejo expresso por muitos indivíduos presos. Nem todos têm a oportunidade de viver em cubículos individuais e o momento de escrita e leitura de uma carta proporciona um tipo de interiorização que o afasta da realidade imediata por um intervalo de tempo breve, porém profícuo.

A pesquisa confirmou o pensamento de Foucault (*apud* Eribon, 1990) de que a linha divisória que separa o homem encarcerado do homem normal é mais incerta do que podemos julgar. Demonstrou que o crime em muitos momentos aproxima-se da noção de desvio e que, tal como o desviante, o criminoso participa de atividades, mesmo na prisão que o igualam ao homem comum. A exclusão não tem caráter permanente apesar dos danos permanentes que o tempo de prisão pode trazer e a questão da criminalidade está ligada a todas as outras

questões de nossa sociedade. Do lado das mulheres a pesquisa demonstrou que o privilégio ou a loucura do sonho não pertence somente às mulheres que escrevem para presos. A tônica das matérias da imprensa feminina é o sonho, relacionado ao mundo doméstico e à busca do grande amor. Morin vai mais longe afirmando que o “tema obsessional” da cultura de massa é o amor, centro da felicidade moderna. Todos sonham com o *happy end* cinematográfico para suas vidas.

Na análise de resultados da categoria *mulher ideal*, constata-se a insistência dos aspectos que qualificam a mulher do lar e é importante relacionar este dado a outras descrições que as mulheres fazem de suas vidas nas cartas, nas quais fica evidente que todas são independentes, tendo conquistado esta situação com muito esforço. Continuam porém a priorizar na imagem que passam para o homem as qualidades da mulher doméstica e a localizar exclusivamente, pelo menos a nível do que escrevem nestas cartas, a felicidade na vida em família. Morin (1969) diz que o arquétipo de mulher moderna é a mulher emancipada, mas cuja emancipação não a liberou das funções sedutora e doméstica da mulher burguesa.

A impressão geral produzida pelo texto das cartas femininas é de que o relacionamento por cartas alimenta o sonho da busca do amor. Este, como pode ser visto em Morin é por vezes mais importante que a concretude do ser amado. Neste sentido, a condição de criminoso do pretendente tem um papel secundário no sonho, e quando se trata de mulher religiosa o discurso religioso reinterpretado por cada uma delas encarrega-se de justificar, perdoar e tornar compreensível o ato criminoso cometido, até certo ponto negando-o.

Embora muitas mulheres a princípio desconheçam a condição de criminoso de seus correspondentes, após algumas cartas trocadas já possuem conhecimento da situação. Certamente muitas desistiram, mas só foram utilizadas as cartas das mulheres que resolveram de alguma forma investir naquele relacionamento. A condição desprotegida do presidiário é um atrativo para o início e continuidade da relação. Acrescenta-se a este fator, e aí já vislumbrando a continuidade deste relacionamento, a crença nos milagres produzidos pelo amor, o poder da benção divina e a crença nas funções oficiais da prisão. Se há consenso social quanto à ineficácia das prisões, as mulheres amorosamente envolvidas desta pesquisa demonstram acreditar na eficácia da reclusão e na passagem do tempo para a modificação positiva do comportamento do ser amado.

A intimidade que acompanha as relações amorosas produz um efeito de diluição do estigma associado ao crime. O desenvolvimento da intimidade neste tipo de relacionamento é extremamente rápido e gratificante porque estas relações não sofrem os desgastes das dificuldades cotidianas e do próprio convívio. Além disto foi visto que a carta propicia um grau de autonomia a seus autores, no sentido do manejo com os aspectos que lhes são desfavoráveis, tanto no lado feminino, quanto no masculino.

Mas a matéria-prima destas cartas não é apenas o sonho. Viu-se que através delas os homens conseguem material para sua sobrevivência básica e algum conforto extra. Algumas das mulheres visitam os homens periodicamente e casamentos de pessoas que se conheceram através de cartas, vez por outra são celebrados dentro das prisões.

A relação através das cartas possui ainda outra importante função, tanto para a mulher como para o homem preso. Como já foi mencionado, as mulheres costumam fazer de seus correspondentes os conselheiros permanentes para os problemas de suas vidas. Buscam desabafar, receber conselhos e ser consoladas. As mulheres costumam estabelecer este tipo de relação com as publicações da chamada imprensa feminina, onde predominam as estruturas de evasão e de consolo e onde são apresentadas soluções romanceadas para seus problemas. Mas a resposta do preso em geral é personalizada e ainda possui embutida a possibilidade de um relacionamento concreto. Para o preso, cumprir este papel com seriedade o ajuda na reconstituição de sua identidade de homem normal. Esta identidade é atacada pelas engrenagens institucionais e pelo próprio preso quando agarra-se à identidade criminal como alternativa de existência.

Neste tipo de correspondência constata-se uma experiência de caráter universalizante, não influenciada pela experiência particular de prisão. Os presos e mulheres relacionam-se na zona comum da sociedade onde suas condições de vida diversas, ao invés de se oporem, complementam-se.

Apesar da aparente especificidade do assunto desta dissertação, as questões levantadas remetem a pontos gerais no estudo de uma sociedade, a saber, a relação do mundo livre com o dos prisioneiros, a cultura de massa e sua influência nos sonhos de cada um, a comunicação através de cartas, a apropriação peculiar realizada pelas mulheres do discurso religioso com o objetivo de mediar a relação com o homem que cometeu um crime.

8 - Anexos

8.1 - Lista de palavras e expressões associadas às categorias

1 - Homem e relacionamento idealizados: Utiliza basicamente adjetivos ou expressões que possuem função adjetiva sempre colocadas em situação de oposição, contraste.

Homem idealizado

1. homem certo x homem errado
2. safado
3. mentiroso
4. viciado
5. sujo
6. alcoólatra
7. monstro
8. psicopata
9. coisa
10. casado
11. homem só quer aventura
12. homem só quer passar tempo
13. todos os homens são iguais
14. homem diferente dos outros
15. confiável
16. escolhido por Deus
17. homem trabalhador
18. estrangeiro

Relacionamento idealizado

1. diálogo
2. entendimento
3. tolerância mútua, compreensão mútua

2 - Desabafos, confidências e trocas: Observa-se que os indicadores poderiam ser agrupados em quatro grandes grupos: confidências, queixas de sofrimentos, conhecimento mútuo e preocupação de não sobrecarregar o outro.

1. abrir o coração
2. desabafar
3. confortar o coração
4. compreender
5. conversar com as pessoas
6. contar com o outro
7. descarregar
8. reclamar da vida
9. problemas
10. ser toda ouvidos
11. trocar idéias
12. conhecer melhor
13. contar sobre sua pessoa
14. contar sobre a vida.
15. contar segredos
16. contar detalhes
17. lamentar, lamentos
18. queixar-se, queixas
19. baixo-astral
20. passar momentos difíceis
21. provações
22. sofrer igual cachorro
23. evitar te aborrecer com problemas
24. torrar os culhões
25. fazer perguntas

3 – Sexualidade: Esta categoria engloba indicadores sobre vontade sexual, sobre as práticas sexuais, nomes de órgãos sexuais, referências ao desejo e malícias masculinas, elogios ao desempenho masculino e, isoladamente, referências à menstruação, masturbação e virgindade.

1. virgindade
2. não estar preparada
3. fazer amor
4. vontade do outro
5. ter vontade de
6. tesão
7. calor
8. arder
9. deixar de saco vazio
10. desejo de transar
11. namorar muito
12. ter vontade de
13. ligar-se na parada
14. deliciosas loucuras
15. rolar na cama
16. beijo na boca
17. calor do corpo
18. carinhos
19. atração
20. pimba
21. pisca-pisca
22. inocência x maldade
23. comer bem
24. penetrar no íntimo
25. encher a chama
26. recompensa
27. homem gostosão
28. jeito gostoso de praticar sexo
29. mente poluída
30. só pensar naquilo
31. menstruação
32. masturbação

4 - Mulher ideal: Os indicadores reúnem basicamente características do papel femininino tradicional, por vezes entremeadas com características que lhe seriam opostas, porém com predomínio do que elas consideram como qualidades. O que seria considerado defeito ou atributo negativo é mencionado para realçar as qualidades que elas se atribuem e supõem que os homens valorizam.

1. mulher que sabe cozinhar
2. mulher calma, boazinha x mulher cão
3. mulher calada x mulher que fala demais
4. mulher decente x mulher de aventuras
5. mulher discreta
6. mulher que não se mistura
7. mulher rotineira
8. mulher disposta, que vai à luta
9. mulher econômica
10. mulher religiosa
11. mulher provedora
12. mulher dependente x mulher independente
13. mulher sem marido, sozinha
14. mulher sofrida
15. mulher caseira
16. mulher companheira
17. mulher de plantão, à espera

5 - Prisão, crime: Nesta categoria os indicadores englobam: referências à prisão e diversas formas de nomeá-la sem falar dela claramente, referências a erros e nunca a crimes (e, portanto, como erros sempre podendo ser perdoados) e uma única referência a assalto. Mesmo antes de medir-se a frequência dos indicadores observa-se que não se falou de crime tanto quanto falou-se do espaço da prisão. As perguntas tais como o que levou você a este lugar horrível é uma forma de perguntar acerca do crime extremamente discreta.

- | | |
|---|--|
| 1. lugar triste e solitário | 21. fazer algo errado |
| 2. lugar horrível, deprimente | 22. pagar pelo erro |
| 3. neste lugar | 23. insistir no erro |
| 4. presídio | 24. errar é humano |
| 5. prisão | 25. justiça dos homens |
| 6. o confere | 26. tua situação |
| 7. rotina do dia de visita | 27. tempo de condenação |
| 8. os outros | 28. julgamento, julgar |
| 9. pesadelo | 29. não ter o direito de julgar |
| 10. pior lugar do mundo | 30. seja o que for que você tenha
feito |
| 11. ambiente que está | 31. o que aconteceu com você |
| 12. vida aí x vida aqui fora | 32. lugar de reflexão |
| 13. os de fora x os de dentro | 33. injustiça |
| 14. vocês daí x nós aqui da
liberdade | 34. integração à sociedade |
| 15. pessoas livres | 35. recomeçar uma nova vida |
| 16. visitar este lugar | 36. assalto |
| 17. o que levou você até aí ? | 37. condenado, condenar |
| 18. motivo que o levou a ser
presidiário | 38. defender-se |
| 19. entrar em uma fria | 39. pessoas perigosas |
| 20. policiais corruptos | 40. perigo |
| | 41. Robin Hood |

6 - Tempo: Observa-se nestes indicadores que praticamente todas as referências a tempo falam do tempo futuro, daquele que ainda está por vir, seja em um sentido genérico de futuro ou a datas específicas mais próximas ou mais distantes.

1. o tempo dirá
2. tudo irá terminar bem
3. destino
4. quando sair
5. breve, logo
6. nosso futuro
7. tomara que esse dia chegue logo
8. toda a vida
9. no Natal, no ano que vem, no fim de semana, no dia da visita, no próximo aniversário

7 - Discurso religioso: Os indicadores desta categoria falam de Deus, Jesus, da importância da fé, da confiança. As menções a inimigo e armadilhas permitem situar estes discursos como próprios de determinados grupos religiosos. Fica evidente também a crença na decisiva influência divina no destino de cada um e na escolha de um companheiro adequado para a mulher.

- | | | |
|-------------------------------|--|------------------------------------|
| 1. fé | 30.bíblia | 63.poder divino |
| 2. acreditar (em Deus) | 31.tentações | 64.católico |
| 3. confiar (em Deus) | 32.provação | 65.neste mundo |
| 4. crer (em Deus) x não crer | 33.coração | 66.liberdade espiritual |
| 5. esperança | 34.fidelidade | 67.ser livre |
| 6. perseverança | 35.amor | 68.somos todos iguais perante Deus |
| 7. proteção de Deus | 36.inimigo | 69.sem Deus não somos ninguém |
| 8. bênção de Deus | 37.armadilha do inimigo | 70.entregar tudo nas mãos de Deus |
| 9. perdão | 38.diabo, diabo astuto | 71.para Deus nada é impossível |
| 10.pecado | 39.ilusão | 72.solução divina |
| 11.compreensão | 40.nova vida | 73.promessas |
| 12.chance | 41.atitude | 74.milagre |
| 13.Senhor | 42.planos de Deus | 75.verdade |
| 14.Espírito Santo | 43.falha, imperfeição x perfeição divina | 76.julgamento |
| 15.luz | 44.neste mundo | 77.gratidão, agradecer a Deus |
| 16.Dele/Nele | 45.poder divino | 78.aceitação, aceitar como é |
| 17.Jesus Cristo | 46.Igreja | 79.ofensa |
| 18.paz do Senhor | 47.regras da igreja | 80.palavras |
| 19.paz de Cristo | 48.padre | 81.salmos |
| 20.Deus senhor da vida | 49.religião | 82.força espiritual |
| 21.criador | 50.vencer | 83.rancor |
| 22.Deus te ama | 51.transformação | 84.alma |
| 23.Deus é pai | 52.mudança do ser | 85.dádiva |
| 24.sorria, Deus está presente | 53.reflexão | 86.misesicórdia |
| 25.força espiritual | 54.salvação | 87.renovar-se |
| 26.rezar | 55.ajuda | |
| 27.graças | 56.vontade de lutar | |
| 28.salvação, ser salvo | 57.conversão | |
| 29.obediência/desobediência | 58.fortalecer | |
| | 59.santa, santos | |
| | 60.não sou santa. | |
| | 61.sabedoria | |
| | 62.vontade divina | |

8 - Amizade: Esta categoria inclui indicadores definindo amizade e qualificando amizades e amigos.

1. amizade que se inicia
2. amizade eterna
3. amizade de ontem, hoje e sempre
4. amizade inabalável
5. amizade verdadeira
6. amizade sincera
7. amizade linda
8. novas amizades
9. aniversário de amizade
10. amizade de coração
11. amizade é a mais forte necessidade da alma
12. só amizade
13. palavras amigas
14. ter uma amiga
15. apoio moral
16. solidariedade da amizade
17. cuidados, cuidar de
18. série 'ser amigo é': aquele que tira os espinhos; olhar o outro feliz; quando está triste compartilhar; alguém que percebe quando deve falar e quando escutar; alguém que está unido a você no pensamento; alguém que pelo amigo faz o tempo para estar junto, ainda que não tenha tempo; que sente vontade de lhe ver ainda antes que você o procure; que sabe que é tão bom necessitar, como ser necessitado; que pode apagar o passar do tempo com o inesperado som de sua voz; alguém como você.

9 - Descrição física:

1. fotos
2. altura
3. peso
4. cor de olhos
5. cor de cabelos
6. cor da pele

10 - Descrição em geral:

1. número de filhos
2. número de irmãos, pais vivos ou mortos (principalmente quando são solteiras)
3. estado civil ou correlatos : separada , divorcida, viúva, estar só
4. religião
5. idade
6. naturalidade
7. profissão
8. signo zodiacal
9. grau de escolaridade
- 10.série gosto de: música, dançar, passear, poesias, andar , conversar, natureza, vida linda, futebol, ler, escrever, novas amizades, sinceridade, viajar
- 11.série não gosto de: mentiras, arrogância
- 12.série sou: amorosa, carinhosa, sentimental, perseverante, liberal, sincera, decente, romântica
- 13.série não sou: orgulhosa, preconceituosa

11 - Carta:

1. escrever cartas
2. enviar cartas
3. receber cartas
4. resposta da carta
5. aguardar resposta da carta
6. demora da carta
7. guardar as cartas
8. conhecer pessoalmente x conhecer através de carta
9. primeira carta
10. manter contato
11. não receber cartas
12. número de cartas
13. correio
14. notícias
15. correspondência
16. frequência do envio e recebimento das cartas
17. palavras
18. número de páginas da carta
19. carta gostosa (adjetivos para as cartas)
20. "carteado" (considere-se por 30 dias)
21. "meus dedos estão doendo"
22. telegrama

12 Sonho:

1. planos
2. príncipe encantado x cinderela
3. desejos
4. projeto
5. imaginação
6. meu sonho vai se realizar
7. será um sonho ?
8. sonho x realidade

13. Verdade, sinceridade x Mentira, falsidade:

1. sinceridade
2. falsidade
3. palavras verdadeiras
4. confiar
5. decepção
6. ilusão
7. verdade
8. enganos no amor
9. amor verdadeiro
10. não vou mentir
11. mentira
12. brincar com sentimento alheio
13. homem digno de confiança
14. pessoa de duas caras
15. promessas x falsas promessas
16. confiar no homem x não confiar no homem
17. machucar

14 - Discurso amoroso:

1. paixão
2. apaixonada
3. paixão passageira
4. amor eterno
5. amor
6. pensamento
7. pensar
8. primeiro amor
9. coração
10. coração bate forte
11. adorar
12. adoro você
13. não viver sem o outro
14. estar viciada no outro
15. carinho
16. felicidade
17. cultivar o amor
18. envolver, envolvimento
19. casar
20. vida a dois
21. quero casar com você
22. para sempre
23. querer, te querer
24. chance de amar novamente
25. apaixonar-se pela pessoa errada
26. alguém para me fazer feliz
27. amor verdadeiro
28. estar amando
29. decepção
30. encontrar alguém
31. pensar muito em alguém
32. "Você me ama?"
33. "Eu te amo"
34. "Te quero como nunca quis ninguém"
35. acreditar no amor
36. estragar tudo
37. perder a pessoa amada
38. medo de sofrer
39. jóia preciosa
40. aprender a amar
41. fazer sofrer
42. você surgiu em minha vida
43. conhecer bem, conhecer por dentro
44. olhar de um jeito
45. brincar com sentimentos
46. alma gêmea
47. pessoa amada
48. pedaço da sua costela
49. querer uma chance
50. ser uma benção para o outro
51. não estar pronta
52. homem da vida
53. "querer ser sua mulher"
54. amar de novo
55. medo de se apaixonar
56. sorte no amor x não ter sorte no amor
57. loucura de amor
58. ciúme
59. enfeitiçar
60. feitiço
61. perder a graça da vida
62. ser a melhor coisa que aconteceu
63. pé na bunda

15 - Trabalho: As unidades desta categoria são basicamente referências ao excesso de trabalho feminino na rotina de suas vidas. Seriam mais desabafos ou necessidade de passar a imagem de mulher trabalhadora, esforçada e promessas de ajuda ao homem no sentido de ajudá-lo a reconstruir sua vida. As profissões femininas já foram computadas na categoria “Descrição em geral”.

1. trabalho
2. emprego
3. cargo
4. serviço
5. trabalho artesanal
6. esforço profissional
7. montar o próprio negócio
8. vencer na profissão
9. disposição
10. sobrecarregada de serviço
11. promessa de emprego
12. despesas
13. dinheiro

16 - Família: Os indicadores desta categoria referem-se, em sua maioria, à família que o casal que se corresponde poderá vir a formar. É grande a preocupação das mulheres de conseguir formar uma nova família composta pelos filhos ou netos que elas já possuem, incorporando este novo homem. Em geral dizem que o casamento anterior não permitiu a constituição de uma família feliz e agora existe esta esperança. Ao mesmo tempo oferecem ao homem a possibilidade de ter uma família com quem ele poderá contar ao sair da prisão.

1. família
2. família perfeita
3. verdadeira família
4. ter família
5. casamento fracassado
6. “nossos filhos”

17 - Carência, solidão:

1. só
2. carente
3. solitária
4. sem ninguém
5. isolamento, isolar-se
6. precisar de amigos, amigas

18 - Frases de sabedoria:

1. "Você pode ter tudo na vida mas se não houver amor nada é válido"
2. "Por mais que a solidão tome conta de você, você jamais estará só"
3. "Desistir de um sonho é morrer por dentro"
4. "O que desejamos beira o impossível"
5. "Não desistir diante das dificuldades e condições adversas"
6. "A vida nos machuca"
7. "Minha vida foi e sempre será uma busca de felicidade"
8. "Só o tempo irá dizer"
9. "Tudo o que se diz é pouco para expressar o que se sente"
10. "A juventude é um estado de espírito"
11. "Mudar nosso destino não depende de nós"
12. "Nunca perca a esperança"
13. "Basta um pequeno gesto de uma pessoa para a vida se tornar um oceano de felicidade"
14. "Sentir-se solto é poder repousar a cabeça sobre o travesseiro e sentir-se em paz com tudo e com todos"
15. "Deus sabe o que faz e nós não sabemos nem o que falamos"
16. "O mundo está tão frio, as pessoas cada vez mais egoístas, pensando no seu bem estar e esquecendo do próximo"
17. "A vida é um brinquedo, construa o seu"
18. "Sinta-se feliz pelo fato de você existir"
19. "A esperança é a última que morre"
20. "A esperança é o sentimento do homem que aprendeu a voar"
21. "O maravilhoso da fantasia é a nossa capacidade de transformá-la em realidade"
22. "Quem tem sensibilidade e chora de emoção é sincero na amizade que guarda no coração"
23. "Dinheiro não traz a felicidade"
24. "O amor verdadeiro tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta"
25. "É preciso abraçar o mundo como amante"
26. "É preciso aceitar a dor como condição da existência"
27. "É preciso cotejar a dúvida e a escuridão com o preço do conhecimento"
28. "É preciso ter uma vontade obstinada no conflito, mas também uma capacidade de aceitação total de cada consequência do viver e do morrer"
29. "Custa tanto ser uma pessoa plena que muito poucos são aqueles que tem a luz ou a coragem de pagar o preço"
30. "Não fique com inveja dos violentos nem imite o que eles fazem"
31. "Amar é querer sempre o bem para a outra pessoa"
32. "O amor de Deus alcança o fundo do do meu coração"
33. "Entreguem todas as suas preocupações na mão de Deus porque ele cuida de vocês"
34. "Somente Jesus te livrará do laço que caíste porque Ele é o nosso advogado"
35. "Só Jesus Cristo salva"

8.2 - Roteiro de um exemplar da revista Correio Astral

Preço: 1,25 urv

1 - João Bidu, o astrólogo sensação.

2 - Classificados do amor

3 - Matérias:

Namoro sem tesão, não dá.

Dicas.

Seu signo é fiel? Saiba já a resposta e tire de letra problemas futuros.

Qual a loucura que mais marcou a sua vida? Depoimentos de artistas e cantores.

Solte seus bichos!

Chegue junto sem medo!

O que esperar do amor no segundo semestre.

4 - Recadinhos. Mensagens publicadas para o seu amor.

5 - Astrologia.

6 - Cara ou coroa. Entre neste jogo e descubra seu futuro amoroso.

7 - Propagandas:

Guia do Instituto canadense: Como conquistar e amar.


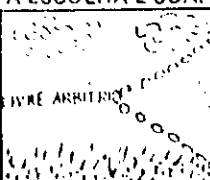
Como adquirir um novo busto.

Cursos profissionalizantes: Eletrônica, rádio e t.v., curso de chaveiro, como fazer chocolate, aprenda silk screen

Centro Nacional de Numerologia.

Instituto Universal Brasileiro / Amigos por correspondência.

8.3 - Exemplos de conteúdos extra nas correspondências

<p>QUEM NOS DÁ A ENERGIA?</p>	<p>CRISTO + VIDA Aquele que tem o filho tem a vida. I Jo. 5:12 Passamos da morte para a vida. I Jo. 3:14.</p>
	<p>A ESCOLHA É SUA:</p> 
<p>PECADO - MORTE O salário do pecado é a morte. Rom. 6:23. A alma que pecar, está mortuária. Ezeq. 18:20.</p>	<p><i>Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve. Mt. 11:29,30.</i></p>

*Assembleia de Deus
minha igreja*
O EVANGELISTA

**Caixa Postal n.º 020
33805-970, Alib das Neves/MG**

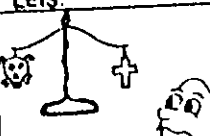
O QUE É ...



LIBERDADE?

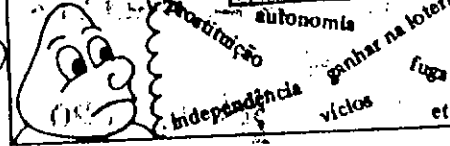
<p>FAZER O QUE EU QUERO:</p>	<p>DIZER O QUE EU PENSO:</p>
	
<p>GANHAR NA LOTERIA:</p>	<p>SER INDEPENDENTE:</p>
	
<p>FUGIR DA PRISÃO:</p>	<p>EMBEBEDAR-SE NOS PRAZERES:</p>
	
<p>VIVER VIAJANDO:</p>	<p>NÃO TER PATRÃO:</p>

Se você tem estes conceitos de liberdade, então anote isto nas tábuas do seu coração:
A liberdade para o homem é escolher a servidão que melhor lhe convém.

<p>SÓ EXISTEM DUAS LEIS:</p> 	<p>QUAL VOCÊ ESCOLHE:</p> <p>Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte. Rom. 8:2</p>
--	--

<p>VIDA ETERNA OU MORTE ETERNA?</p> 	<p>NEM TUDO QUE NOS DÁ PRAZER NOS FAZ VIVER!</p> 
---	---

FAZ VIVER:



ALGUMAS MANEIRAS DE FAZER ALGUÉM FELIZ

Dê um beijo.
Um abraço.
Um passo em sua direção.
Aproxime-se sem cerimônia.
Dê um pouco de calor, do seu sentimento.
Assente-se bem perto e deixe-se ficar algum tempo ou muito tempo.
Não conte o tempo de se dar.
Aprenda a burlar a superficialidade.

Sonhe o sonho sem duvidar.
Deixe o sorriso acontecer.
Liberte um imenso sorriso.
Rasgue o preconceito.
Olhe nos olhos.
Aponte um defeito, com jeito.
Respeite uma lágrima.
Ouça uma história ou muitas, com atenção.

Escreva uma carta e mande.
Irradie simplicidade, simpatia, energia.
Num toque de 3 dedos observe as "coincidências"
Não espere ser solicitado, preste um favor.

Lembre-se de um caso.
Converse sério ou fiado.
Conte uma piada, ache graça.
Ajude a resolver um problema.

Pergunte: Por que? Como vai? Como tem passado?
Que tem feito de bom? Que há de novo?
E preste atenção.
Sugira um passeio, um bom livro, um bom filme,
ou mesmo um bom programa de televisão.

Diga de vez em quando:
Desculpe, muito obrigado, não tem importância,
que se há de fazer, dá-se um jeito.

Tente de alguma maneira, e não se espante se a pessoa
mais feliz for VOCE.

Custa tanto ser uma pessoa plena; que muito poucos são aqueles que tem luz ou a coragem de pagar o preço.

É preciso abandonar por completo a busca da segurança e correr o risco de viver com os dois braços.

É preciso abraçar o mundo como amantes.

É preciso aceitar a dor como condição de existência.

É preciso cotear a dívida e a escuridão como preço do conhecimento.

É preciso ter uma vontade obstinada no conflito, mas também uma capacidade de aceitação total de cada vitória do viver e do morrer.

*Para alguém especial
que com seu jeito de ser
faz crescer dia após dia
a amizade que nos une.*



Como Achar Paz

É possível a alguém ter paz mesmo estando sofrendo?

É possível ter esperança mesmo quando tudo parece acabado?

A Bíblia nos ensina que, pela graça de Deus, o Espírito Santo pode produzir esse milagre em nosso coração, se tivermos fé. Veja:

Agora que fomos aceitos por Deus por meio da fé, temos paz com ele por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. Foi Cristo quem nos trouxe, pela nossa fé, para a graça de Deus; agora nós continuamos firmes nela. Portanto, nos alegamos



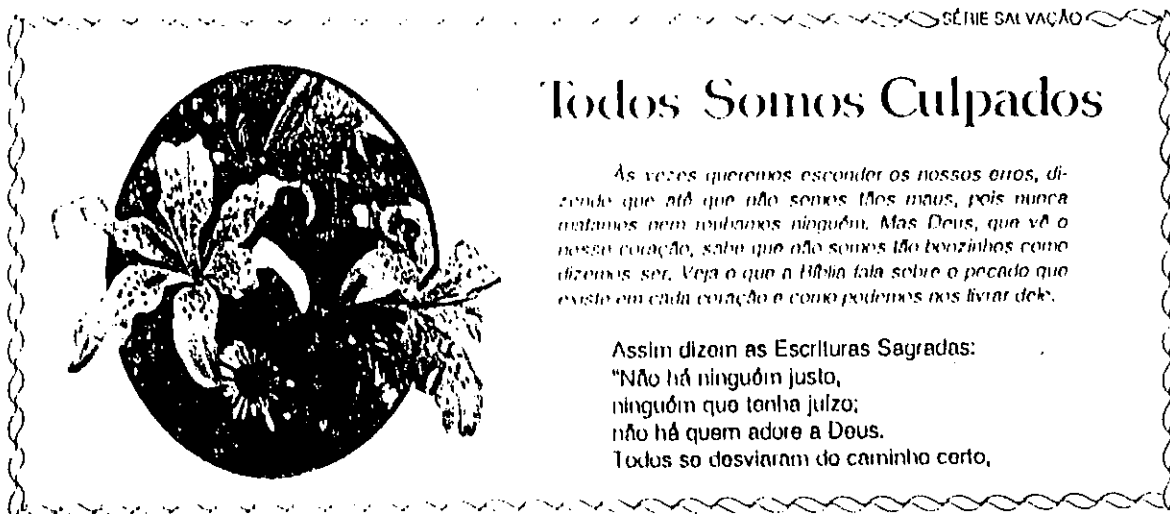
Como Ser Livre

A liberdade é uma das coisas mais desejadas. Ela é muito mais do que o simples direito de ir e vir. No texto da Bíblia que está embaixo, o apóstolo Paulo ensina como podemos ser livres de tudo aquilo que escraviza o corpo, a mente e a alma dos homens e das mulheres.

Cristo nos libertou para que sejamos de fato livres. Por isso, continuem firmes nessa liberdade e não se tomem novamente escravos.

O que eu quero dizer é isto: deixem que o Espírito de Deus dirija suas vidas e não obedeçam aos desejos da natureza humana.

São bem conhecidas as coisas que a natureza



SÉRIE SALVAÇÃO

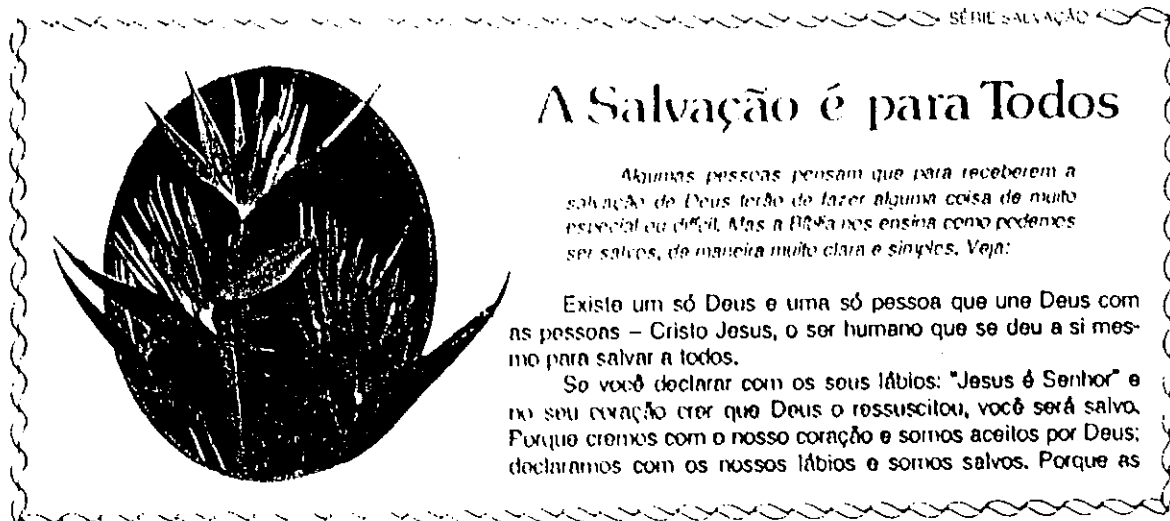


Todos Somos Culpados

As vezes queremos esconder os nossos erros, dizendo que não somos nós mesmos, pois nunca matamos nem roubamos ninguém. Mas Deus, que vê o nosso coração, sabe que não somos tão bonzinhos como dizemos ser. Veja o que a Bíblia fala sobre o pecado que existe em cada coração e como podemos nos livrar dele.

Assim dizem as Escrituras Sagradas:

"Não há ninguém justo,
ninguém que tenha julgo;
não há quem adore a Deus.
Todos se desviaram do caminho certo,



SÉRIE SALVAÇÃO



A Salvação é para Todos

Algumas pessoas pensam que para receberem a salvação de Deus terão de fazer alguma coisa de muito especial ou difícil. Mas a Bíblia nos ensina como podemos ser salvos, de maneira muito clara e simples. Veja:

Existe um só Deus e uma só pessoa que une Deus com as pessoas – Cristo Jesus, o ser humano que se deu a si mesmo para salvar a todos.

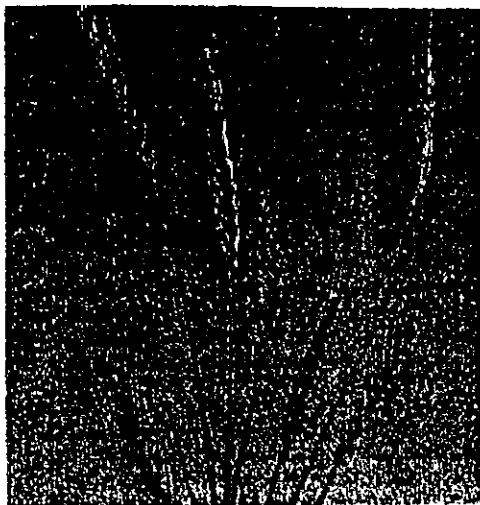
Se você declarar com os seus lábios: "Jesus é Senhor" e no seu coração crer que Deus o ressuscitou, você será salvo. Porque cremos com o nosso coração e somos aceitos por Deus; declaramos com os nossos lábios e somos salvos. Porque as

Como Ser Sábio

A Bíblia nos ensina o que é a verdadeira sabedoria. Ela é a busca da luz que vem do Espírito de Deus, que está em nós. Ele nos ensina, dá nos poder, amor e nos mostra Deus. Veja:

E peço ao Deus do nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai glorioso, que dê a vocês o seu Espírito – o Espírito que os fará sábios e revelará Deus a vocês, para que assim o conheçam como devem. Peço que ele abra as suas mentes para que vejam a luz e conheçam a esperança para a qual os chamou. E também para que saibam como são ricas as bênçãos que ele prometeu ao seu povo, e como é grande o seu poder que age em nós, os que cremos.

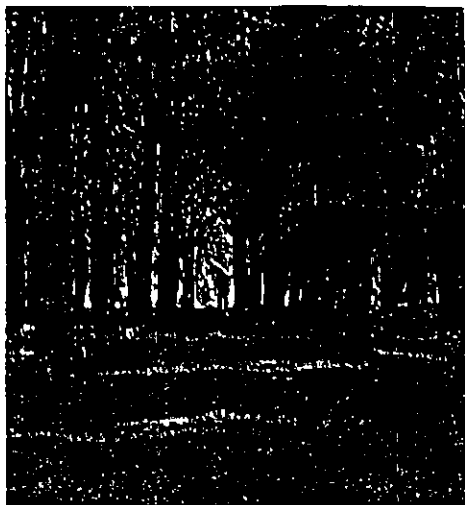




Como Ser Seguidor de Jesus?

Talvez você tenha pensado que gostaria de ser seguidor de Jesus, mas não sabe como fazê-lo. Nos dois textos escritos abaixo você verá que Jesus afirmou que aqueles que obedecem ao que ele mandou são de fato seus seguidores. Os ensinamentos de Jesus estão registrados nas Escrituras Sagradas. Será que você obedece aos ensinamentos de Jesus?

Entre o povo que tinha ido a Jerusalém para tomar parte na Festa da Páscoa, havia alguns gregos. Eles foram falar com Filipe, que era da cidade de Betsaida, na Galiléia, e pediram:



Qual o Melhor Caminho?

Se você tem alguma dúvida sobre que caminho seguir para encontrar Deus, leia esta mensagem e fique sabendo qual é este caminho.

Certa vez Jesus disse:
 - Vocês conhecem o caminho que leva ao lugar para onde eu vou.
 - Não sabemos onde o senhor vai. Como podemos saber o caminho? - perguntou Tomé.

Jesus respondeu:
 - Eu sou o caminho, a verdade e a vida;



Mesmo que você nunca tenha pensado na necessidade de salvação, não pare de ler; continue a ler o que vem escrito abaixo e você terá uma agradável surpresa.

Todos os profetas falaram a respeito de Jesus, dizendo que os que crêem nele recebem, por meio dele, perdão dos pecados.

A salvação só pode ser conseguida por meio dele. É por meio do nome dele e de ninguém mais no mundo.

UM
AMIGO
É...



Um amigo é... alguém que faz o tempo para estar junto, ainda que não haja tempo... que sente vontade de lhe ver, ainda antes que você o procure.

Um amigo é... alguém que percebe quando deve falar e quando escutar... que sabe que é tão bom necessitar, como ser necessitado.

Um amigo é... alguém que está unido a você no pensamento... que pode apagar o passar do tempo com o inesperado som de sua voz.

Um amigo é... alguém como você.

9- Referências bibliográficas

- ALVES, R.A. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo, Ática, 1982.
- AUBRÉE, M. Tempo, História e Nação. In Pentecostes e Nova Era : fronteiras, passagens. *Religião e sociedade* 17(1-2). Rio de Janeiro, 1994, p.76-88.
- AZEVEDO, T. de *As regras do namoro à antiga*, aproximações socioculturais, São Paulo, Ática, 1986.
- BARDIN, L. *Análise de de conteúdo*. São Paulo, Martins Fontes, 1977.
- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora S. A., 1977.
- BECKER, S. H. *Los extraños; sociologia de la desviacion*, Editora Tempo Contemporaneo. 1971.
- _____ *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro, Zahar editores , 1976.
- BERREMAN, G. Por detrás de muitas máscaras [1962]. In ZALUAR, A (org) *Desvendando máscaras sociais*. Riode Janeiro, Francisco Alves Editora S.A, 1990, p.123-174.
- BIRMAN, P. Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil : passagens. In Pentecostes e Nova Era : fronteiras, passagens, *Religião e sociedade* 17(1-2). Rio de Janeiro, 1994, p.90-109.

- BOSI, E. *Cultura de Massa e Cultura Popular*; leituras de operárias.
Petrópolis, Vozes, 1986.
- BRUSCHINI, M.C.A. & ROSEMBERG, F. (org) *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo, Brasiliense/Fundação Carlos Chagas, 1980.
- BUITONI, D.H. S. *Mulher de Papel*; a representação da mulher na imprensa feminina Brasileira. São Paulo, Edições Loyola, 1981.
- CAMARGO, M.S. DE C. *Terapia penal e sociedade*. Campinas, Papyrus Livraria Editora, 1984.
- CESAR, W. Linguagem, espaço e tempo no cotidiano pentecostal, In Pentecostes e Nova Era: fronteiras, passagens. *Religião e Sociedade*, 17(1-2). Rio de Janeiro, 1994, p.111-122.
- CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In CARDOSO, R. (org) *Sobre mulher e violência. Perspectivas antropológicas da mulher 4*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1984, p.23-62.
- COELHO, E. C. *A oficina do diabo*; crises e conflitos no sistema penitenciário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Editora Espaço e Tempo Ltda./Iuperj - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1987.
- COLASANTI, M. *Intimidade Pública*. Rio de Janeiro, Rocco, 1990.
- COSTA, M. T. P. da *O programa Gil Gomes*; a justiça em ondas médias. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

- DA MATTA, R. *A casa & a rua; espaço , cidadania, mulher e morte no Brasil*.
Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 1991.
- _____ *Carnavais , Malandros e Héreis ; para uma sociologia do dilema brasileiro*.
Rio de Janeiro, Zahar editores, 1979
- _____ *O que faz o brasil, Brasil ?*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- _____ Treze pontos riscados em torno da cultura popular. . In
Anuário antropológico/92. Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1994.
- ERIBON, D. *Michel Foucault, uma biografia*. Rio de Janeiro,
Companhia das Letras, 1990.
- FERNANDES, R.C. Os evangélicos em casa, na Igreja e na política. In
Pentecostes e Nova Era : fronteiras , passagens. Rio de Janeiro.
Religião e sociedade 17(1-2). Rio de Janeiro, 1994, p.5-12.
- FIGUEIREDO, J.C. *Modelos de cartas para todos os fins*. Rio de Janeiro,
Edições de Ouro, 1969.
- FOOTE-WHITE, W. Treinando a observação participante [1943]. In ZALUAR,
A.(org) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro,
Francisco Alves Editora S.A., 1990, p.77-86.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir; história das violência nas prisões*.
Petrópolis, Vozes, 1987.
- FRANÇA, L. H.de P. *A busca de um sentido existencial para o idoso*. Rio de Janeiro,
Instituto de Psicologia da UFRJ, Dissertação de Mestrado, 1989.
- FREUD, E. *Sigmund Freud. Correspondência de amor e outras cartas 1873-1939*.
Rio de Janeiro, Editora Nova fronteira, 1960.

- GALVÃO, M.T.da S. *A interseção da ordem penitenciária e a ordem familiar*.
Rio de Janeiro, Puc-Rio/ CTCH, Dissertação de Mestrado, 1988.
- GANS, H.J. The participant- Observer as a human being : observations on the personal aspects of field work. In BECKER, H. S. *Institutions and the person*.
Chicago, Aldne Publishing Company, 1968.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis,
Editora Vozes Ltda., 1976.
- _____ *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*,
Rio de Janeiro, Zahar editores, 1978.
- _____ *Manicômios, conventos e prisões*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974.
- GOIFMAN, J.H. *Valetes em Slow Motion* : o espaço e a morte do tempo na prisão a partir de experiências com o vídeo. Unicamp, Instituto de Artes,
Dissertação de Mestrado, 1994.
- LEMGRUBER, J. *Cemitério dos vivos; análise sociológica de uma prisão de mulheres*.
Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.
- MALCOLM, J. *O jornalista e o assassino; uma questão de ética*. São Paulo,
Companhia das Letras, 1990.
- MORAES, M.Q. e SARTI, C. Ai a porca torce o rabo. In BRUSCHINI, M.C. e
ROSEMBERG, F. (org). *Vivência*. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- MORIN, E. *Cultura de Massas no século XX; o espírito do tempo*. Rio de Janeiro,
Forense Universitária, 1984.

NEVES, L.F.B. *As máscaras da totalidade totalitária; memória e produção sociais*.
Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1988.

OLIVEIRA, M. do C.L. *Polidez uma estratégia de simulação; análise de carta de pedido de empresas brasileiras*. Puc-Rio, Departamento de Letras,
Tese de Doutorado, 1992.

PERELBERG, R.J. *As fronteiras do silêncio; um estudo de desvio e ritualização*.
Rio de Janeiro, Achiamé, 1980.

PRADO, R.M. *Os romances de banca e sua penetração* (mimeografado). Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1989.

RAMALHO, J.R. *Mundo do crime; a ordem pelo avesso*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

SANTOS, N.P.T. dos *A carta e as cartas de Mário de Andrade*.
Rio de Janeiro, Diadorim, 1994.

VELHO, G. *Individualismo e cultura; notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

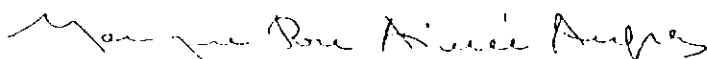
_____ O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In VELHO, G. (org) *Desvio e divergência; uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1977.

ZALUAR, A. *A máquina e a Revolta*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

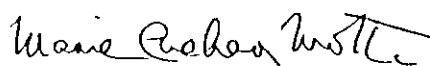
As mulheres e a direção doméstico; estudo de papéis familiares nas classes populares urbanas. In *Colcha de retalhos; estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

_____ *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro, Editora Revan, 1994.

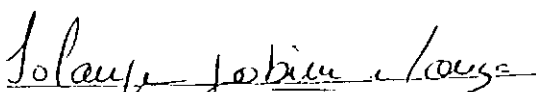
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Nádia Degrazia Ribeiro intitulada "Correspondência amorosa na prisão", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Profª. Monique Rose Aimée Augras (Orientadora)
PUC-Rio



Profª. Profª. Maria Euchares Motta - PUC/Rio



Profª. Solange Jobim e Souza - PUC/Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, ...4.../11.../1997.



Jürgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas